

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**RESILIÊNCIA NAS RELAÇÕES FAMILIARES**  
**Um estudo das práticas de aconselhamento pastoral**

**Por**  
**EMANUEL LINO FERNANDES**

**SÃO PAULO – SP**

**2012**

**EMANUEL LINO FERNANDES**

**RESILIÊNCIA NAS RELAÇÕES FAMILIARES**  
**Um estudo das práticas de aconselhamento pastoral**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes

**SÃO PAULO – SP**

**2012**

F363r Fernandes, Emanuel Lino  
Resiliência nas relações familiares: um estudo das práticas de  
aconselhamento pastoral / Emanuel Lino Fernandes – 2012.  
95 f. ; 30 cm  
Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade  
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.  
Orientador: Prof. Dr. Antonio Máspoli de Araújo Gomes  
Bibliografia: f. 89-92  
1. Resiliência 2. Família 3. Aconselhamento pastoral I. Título

LC BV4012.2

**EMANUEL LINO FERNANDES**

**RESILIÊNCIA NAS RELAÇÕES FAMILIARES**  
**Um estudo das práticas de aconselhamento pastoral**

Orientador: Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes

Aprovada em: 14/12/2012

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes - Orientador  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Prof. Dr. Edson Pereira Lopes  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Pazinato  
Universidade São Francisco

Ao Eterno Conselheiro Jesus Cristo; à Igreja Presbiteriana do Brasil, Mackenzie e ao Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião; à minha esposa Rosangela e meu Filho Emanuel; aos meus pais, irmãos, sobrinhos e sobrinhas; aos parentes e amigos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha esposa pelo empenho e incentivo, ao meu filho Emanuel que é inspiração para que eu continuar sempre melhorando e aperfeiçoando.

Ao meu orientador Dr. Antonio Máspoli pela paciente consideração, para a Dagmar, parabéns pelo seu trabalho.

Ao Mackenzie, ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, à Igreja Presbiteriana do Brasil, à Primeira Igreja Presbiteriana de Lavras, à Igreja Presbiteriana de Ribeirão Vermelho e ao IBLA.

À Alessandra e família, à amiga Lucelene, Vicente e Ana Clara, ao Rev. Lucas Magalhães e ao Luquinha.

Ao amigo e Pastor, Rev. David Cestavo, um grande conselheiro.

Aos meus irmãos Elieser e Eliaquim, aos meus pais Walder e Mariana. À Jennifer, Milta e Vanderson.

Aos amigos Arilson, Janete, Matheus, Júlia, Thiago Ribeiro e Isabela, Rev. Romer e família.

Obrigado a todos vocês.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar como aconselhamento pastoral e a participação em grupos cristãos podem atuar como mecanismo de fortalecimento da resiliência no contexto familiar, ao mesmo tempo trazer a observação que o aconselhamento eficaz pode exigir do conselheiro, dependendo do caso, um encaminhamento para outro terapeuta, o profissional da psicologia. Nos próprios seminários teológicos existem as aulas de Introdução a Psicologia, onde os alunos aprendem algumas técnicas e conhecimentos como empatia, linguagem corporal entre outras. É bem sabido que os conselheiros pastorais mesmo não sendo explicitamente a favor, usam ferramentas da psicologia nos gabinetes pastorais. O trabalho mostra a fala contraditória de muitos contemporâneos focados na argumentação da “Suficiência das Escrituras”, para o aconselhamento chamado noutético. As Sagradas Escrituras realmente são suficientes, a suficiência é nela revelada, o que acontece é que há uma confusão de termos pois a própria escritura fala do trabalho humano, da Graça Comum e de aspectos de bem estar do ser humano que não são salvíficos, pois a salvação eterna é o caso da suficiência da revelação. O aconselhamento pastoral tem o seu alcance assim como o tratamento psicológico profissional o seu, são áreas distintas. Através de pesquisas bibliográficas o trabalho mostra a conectividade de aspectos positivos entre o integracionismo da espiritualidade cristã e a terapia familiar em apoio à resiliência. O que não é alçada do aconselhamento pastoral é do profissional psicólogo, que também tem seus limites em casos psiquiátricos, assim vemos que cada um tem ao seu alcance e onde acaba o terreno de um começa o do outro.

**PALAVRAS – CHAVES:** Resiliência; Famílias; Aconselhamento Pastoral; Encaminhamento; Aconselhamento Psicológico.

## ABSTRACT

The present study aims to demonstrate how pastoral counseling and taking part in Christian groups may act as a mechanism for strengthening the resilience within a familiar context; and at the same time bring to observation that a efficient counseling may demand from the counselor, depending on the case, a referral to a therapist, who is the professional psychologist. Even in theological seminars there exist classes of Introduction to Psychology, where students learn some techniques and skills such as empathy, body language, among others. It is well known that pastoral counselors are not explicitly even though inclined to the use of psychological instrumentation in their offices. This work shows the contradictory discourse of many contemporaries focused on the argumentation of the “sufficiency of the scriptures”, for the so called nouthetic counseling. The Holy scriptures are really sufficient, this sufficiency is revealed in itself, and what happens is that there is a confusion of terms because the proper Scripture speaks of a human work, Common Grace and aspects of welfare of the human being, which aren't for salvation, in salvation is the case of the sufficiency of eternal revelation. Pastoral counseling has its reach as well as a professional psychological treatment has its own, however they are distinct areas. Through literature searches this work shows the connection of positive aspects between the integrationism of Christian spirituality and family therapy in support of resilience. That, which is not achieved at pastoral counseling, comes from the professional psychologist, who also has his/her limits in psychiatric cases. Therefore, each one has his/her scope and where the field of one ends the other starts.

**Key – words:** Christian Spirituality, Resilience, Families, Pastoral Counseling, Referral, Counseling Psychology.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. RESILIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE.....	14
1.1 Estudo das resiliências.....	25
1.1.2 Categoria das resiliências.....	27
1.2 Resiliência e as adversidades humanas.....	29
1.3 Espiritualidade cristã.....	32
2. ALGUMAS LINHAS DE ACONSELHAMENTO E SEUS MENTORES.....	36
2.1 O Aconselhamento Pastoral.....	37
2.1.1 A Poimênica e Aconselhamento Pastoral.....	38
2.1.2 Psicoterapia Pastoral.....	39
2.1.3 Aconselhamento Noutético.....	40
2.1.4 Aconselhamento Bíblico.....	42
2.1.5 Aconselhamento Espiritual.....	44
2.1.6 Aconselhamento por Meio do Discipulado.....	45
2.1.7 Aconselhamento Interativo.....	47
2.1.8 Aconselhamento pela Cura Interior.....	48
2.2. AS NOVAS TERAPIAS E MAIS ALGUNS NOMES IMPORTANTES.....	63
2.3 REAÇÃO PREVISÍVEL DOS CLÉRICOS.....	64
2.3.1 Assimilação.....	65
2.3.2 Rejeição.....	66
2.3.3 Diálogo.....	67
3 ENCAMINHANDO FAMÍLIAS .....	68
3.1 Encaminhamento das Famílias ao Psicólogo .....	68
3.2 Pastores Encaminhadores .....	71
3.3 Caminhando para Cura .....	80
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	89
6. ANEXO.....	92

## INTRODUÇÃO

A comunhão cristã e o aconselhamento pastoral aliado ao acompanhamento psicológico profissional, podem atuar como mecanismo de fortalecimento da resiliência no contexto familiar eclesiológico tendo-se em vista a conectividade de aspectos positivos entre o integracionismo do aconselhamento pastoral e a terapia em apoio à resiliência.

A pesquisa fala também sobre o profissional psicólogo, mas sendo feito por um teólogo, tem a finalidade maior de alcançar pastores, clérigos e evangelistas, crendo que será de maior aproveitamento para estes do que para psicólogos. Isto por que conceitos da psicologia que são exaustivamente discutidos, como “Resiliência,” que preenche praticamente todo capítulo primeiro, podem ser para psicólogos algo trivial ou comum. Mas para pastores uma novidade, um aprendizado de algo que pode acrescentar em muito nos seus ministérios de aconselhamento.

Mas como um pastor que não é psicanalista ou psicólogo pode fazer essa integração? O que sugerimos ao longo deste trabalho não é somente integracionismo de funções em um só indivíduo, como um pastor psicanalista, mas a integração profissional. Igrejas que trabalhem com pastores e com psicólogos contratados ou terceirizados.

Quanto aos tipos de aconselhamento que serão estudados, por entender que o aconselhamento bíblico é o mais conhecido entre os pastores e clérigos, este foi o mais trabalhado, haja vista que os outros tipos exigiriam um estudo maior e o estudo das práticas terapêuticas e das linhas de psicologias exigiriam formação.

Com respeito ao “integracionismo” entre a teologia e à psicologia, o livro *Árvore da Cura* dá um passo adiante nas palavras, pois diz acerca de um “Deus-acima-mas-por-meio-da-Cultura”, e para defender a integração, HURDING (1995 p.148) afirma:

Quando Deus criou a humanidade, criou a possibilidade da psicologia. A perspectiva integrada enfatiza tanto a psicologia quanto as *Escrituras*, porquanto são aliadas. A psicologia aqui é a psicologia que existia antes de a palavra ser cunhada [...].

Nisso, demonstra-se uma unidade que, no fundo, já existia, entre a teologia e uma psicologia, nessa busca pela integração, ambas devem evitar a violação da metodologia ou do nível de análise de uma ou outra disciplina.

Sabemos que a exposição da palavra de Deus no escritório pastoral, a leitura de versículos bíblicos, e a oração tem sido fonte de consolo para muitas famílias no momento do aconselhamento. Mas existe ainda uma forma de aproximação deste ser humano, algumas técnicas e um olhar mais profundo que podem abrilhantar em muito a este momento. Quanto a isso diz Jagnow (2003, p.27):

A fim de comunicar a Palavra de Deus ao aconselhado, o conselheiro precisa ter condições de conhecer a vida interior dele de maneira mais exata, metódica e abrangente. Para isso precisa da psicologia como ferramenta auxiliar.

A psicologia é ferramenta imprescindível para o aproveitamento, eficácia e abrangência na situação do aconselhamento, quanto a isso diz ainda Jagnow (2003, p.33) ao citar Thurneysen:

O conhecimento do ser humano oferecido pela psicologia ajuda a desdobrar e aplicar o conhecimento deste mesmo ser humano de acordo com o revelado nas escrituras. Assim os conceitos da ciência devem ser valorizados para o ministério pastoral [...] é possível ter uma visão integrada que inclui as Escrituras e a psicologia. O aconselhamento pastoral precisa fazer uso de todos os recursos lícitos que existam.

Assim se não há formação profissional existe o encaminhamento que o pastor pode fazer. A partir desta perspectiva estudaremos alguns tipos de aconselhamentos e terapias, como também seus mentores, discutindo então o ponto de vista de muitos autores desses assuntos.

Argumentaremos o postulado de Hurdling, no livro *Árvore da Cura*, este será o referencial teórico pois foi escrito na ótica que integra a psicologia e a espiritualidade como uma junção que promove positivamente o potencial humano na escalada contra algum sofrimento. O arcabouço teórico utilizado considera que a espiritualidade é uma grande força do ser humano.

Crenças e práticas religiosas/espirituais, além de serem estruturantes, constituem uma parte importante da cultura e dos princípios utilizados para dar forma a julgamentos e ao processamento de informações. O conhecimento e a

valorização de tais sistemas de crenças colaboram com a aderência do indivíduo à psicoterapia e promovem melhores resultados. Segundo Seligman:

A relação causal entre a religião e uma vida mais saudável, de mais socialização, não é mistério. Muitas religiões condenam as drogas, os crimes e a infelicidade, enquanto incentivam a caridade, a moderação e o trabalho árduo. A relação causal entre religião e felicidade, ausência de depressão e maior resistência a tragédia não é tão direta. No auge do behaviorismo, os benefícios emocionais da religião eram explicados como resultantes de maior apoio social. Mas eu acredito que exista uma ligação mais básica: as religiões infundem esperança no futuro e dão significado a vida. (Seligman, 2004, p.77).

Percebe-se o impacto da subjetividade, dos estados de consciência e das percepções influenciadas pela religiosidade/espiritualidade na saúde mental e a importância da psicoterapia voltar-se a clientes e respectivos sistemas de crenças, desenvolvendo modelos que mobilizem esperança e potencializem suas capacidades de superação.

Se pensarmos que a alma é a “psique” levando em consideração que somos seres integrais e partindo do pressuposto tricotomista que somos corpo, alma e espírito, podemos entender mais a intervenção do aconselhamento pastoral cristão, aliado ao acompanhamento de um profissional psicólogo. É função pastoral cuidar da alma, mas sobretudo do espírito, o encaminhamento para o cuidar das emoções é uma das funções primordiais do pastor para o cuidado da alma como foco.

Segundo Thomas Moore citado por Blazer (2002, p.158) é impossível definir precisamente o que é alma. Todavia podemos dizer que certa música tem alma ou uma pessoa extraordinária cheia de sentimentos, é uma boa alma. A alma é revelada no vínculo, no amor e na comunidade, assim como na solidão. Segundo autor citado acima se psicólogos tratam a pessoa como um todo ou um todo da personalidade, então o centro do seu tratamento é a alma.

Outro nível de vida é o nível do espírito. Espírito é a parte do homem que anela por Deus; que tem contato com ele; que busca comunhão íntima com ele. É isto, precisamente que diferencia o ser humano dos animais como um todo.

A maior separação que possa existir entre o homem e o animal não é apenas a racionalidade, mas também a espiritualidade e é precisamente por esta que se remete ao elemento abstrato, mas absolutamente real que tem fome de comunhão com Deus.

Mas o que é o espírito? Conforme Jung:

[...] apesar de estarmos familiarizados com o conceito verbal em questão, sabemos, de fato, o que é realmente o espírito? Ou estamos certos de que, empregando esta palavra, exprimimos, todos, uma só e mesma coisa? A palavra “espírito” não é um termo ambíguo e duvidoso, e mesmo desesperadamente ambíguo? O mesmo signo verbal – “espírito”. – é usado para expressar uma idéia transcendente e inexprimível; em sentido mais comum, é sinônimo do inglês *mind*. Designa também agudeza intelectual, mas significa também fantasma, assombração. Pode igualmente expressar um complexo que produz os fenômenos espíritas, como o das mesas girantes... ou de um grupo familiar “o espírito que aí prevalece”... Em circunstância nenhuma todo mundo sabe precisamente o que significam os termos “espírito” e vida. (JUNG, 1983, p. 262).

“Universalmente, o espírito é percebido como nossa essência vital, a fonte da vida e do poder”. Em muitas línguas a palavra para “espírito” e para “sopro” é a mesma, no grego *pneuma*; em hebraico *reach*; em latim *spiritus*; em sânscrito, “prana”. (McGOLDRICK apud WEIL, 2003, p.83)

Ainda sobre o termo integracionismo, este surge numa explicação de clérigos para definir a “união” da psicologia e da religião, mais precisamente no aconselhamento pastoral e também para mostrar a importância como uma forma de valorização da crença no sucesso terapêutico.

O trabalho tem por objetivo estudar o fator resiliência em aconselhamento para tal será imprescindível levar em consideração as concepções apresentadas pelos autores apresentados, que se identificaram com os objetivos, podendo-se afirmar que o conceito de resiliência sob o ponto de vista psicológico.

É objetivo também deste trabalho teoricamente mostrar o quão precioso é a aproximação multidisciplinar e diálogos estabelecidos entre a psicologia e a teologia, considerando que ainda as ligações entre a fé cristã e a psicologia têm sido relativamente negligenciadas, este trabalho sugere também o diálogo entre teologia cristã e a psicologia, abordando esse diálogo nos dois sentidos.

Considerar também a relevância da resiliência em nossas vidas reforçada pela espiritualidade que não pode ser ignorada pela ciência, pois as pessoas que alcançam a resiliência, seja pela espiritualidade, ou por experiência são mais são mais otimistas, têm mais fé e esperança, apresentam mais equilíbrio nos momentos de decisões importantes de suas vidas, de adversidades e grandes conflitos. Sentindo a presença divina, vidas seguem o caminho que foi ensinado por Deus e

refletem mais sobre o próximo, e desenvolvem sentimentos de compaixão e de amor ao próximo, e dessa forma mais mecanismos de enfrentamento para suportar as intempéries da vida.

O amor é um combustível poderoso, que alimenta e dá suporte para enfrentar os tempos de crises e a prática da espiritualidade propicia maior contato com o próximo, com a vida e nos coloca mais presentes e participativos nos problemas familiares e sociais.

É fundamental que a psicologia perceba o indivíduo como um ser biopsicossocial e espiritual, e a dimensão da espiritualidade é de extrema importância, para o fortalecimento da resiliência individual e familiar. Também de grande importância que a teologia perceba crentes como seres humanos.

Família e sociedade se completam e entre os revezes e adversidades, é imprescindível que o profissional de psicologia possa atuar como mediador facilitador no processo de transformação e crescimento na vida do indivíduo e sua família e o pastor como conselheiro e encaminhador.

Para que a família desenvolva mecanismos de enfrentamento que fortaleçam a resiliência. Assim destaca-se: que a pessoa resiliente não é aquela que é onipotente ou invulnerável, mas é aquela que mesmo diante do sofrimento, encontra recursos para resistir aos tempos difíceis.

A terapia familiar pode ter seu ponto de partida através de um aconselhamento pastoral com um indivíduo. Assim também pode acontecer com a evangelização, pois um jovem evangelizado é ponte para o alcance de toda sua família. O tratamento terapêutico também pode ser desenvolvido a nível sistêmico. (Carter e MCGoldrick 2001, p. 49) demonstraram que o interesse integracionista entre o tratamento terapêutico e a espiritualidade cristã constitui um importante instrumento para desenvolver mecanismos de fortalecimento da resiliência no contexto familiar, mostrando a valorização da crença transcendente como recurso poderoso que facilita o equilíbrio e a harmonia nos momentos difíceis de crise e dificuldades pelas quais passa uma família.

Diante do exposto é objetivo deste trabalho mostrar dentro do aspecto da teologia prática, que pastores e psicólogos se concentram em assuntos diferentes, usam métodos diferentes, e abordam diferentes públicos. Mas ambos compartilham um objetivo comum: trabalham com os problemas que assolam todos os seres humanos, lidam com o sofrimento e o mal que são inerentes a condição humana, e

procuram achar formas eficazes de lidar com esses problemas, encontrando as devidas formas de intervenção e as estratégias de cuidado. Assim o estudo deve analisar algumas das contribuições de teólogos, psicólogos, conselheiros e pastores.

Enfim o tema é corrente nos estudos atuais de psicologia, e relevante para aprendizagem nos meios eclesiais. O homem é um ser holístico, por isso faz-se necessário entender o mesmo como um todo integrado. O aprendizado e aperfeiçoamento de conselheiros apresenta profundo valor para prevenir e promover a saúde mental e emocional das famílias diante de dificuldades que nem sempre podem ser evitadas, ao contrário, devem ser enfrentadas e vencidas dentro de um processo ativo de resistência.

## CAPÍTULO I - RESILIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE

Resiliência é um termo utilizado pela Física. O cientista inglês Thomas Young mostra a capacidade de um corpo de possuir elasticidade e flexibilidade quando é pressionado, esticado e dobrado. Tendo assim uma íntima relação de sentido com sua utilização na Psicologia que a define como a capacidade de renascer da adversidade, fortalecido e com mais recursos. É nesse sentido que se avalia a capacidade do ser humano de responder de forma positiva aos reveses da vida cotidiana, apesar das adversidades vencidas a cada etapa do desenvolvimento e crescimento do indivíduo como explica Walsh (2009, p.4)<sup>1</sup>.

Para Walsh (2009, p.5), a espiritualidade é uma dimensão da experiência humana que envolve crenças transcendentais e práticas religiosas, é o coração e alma da religião e Pargament citado por Walsh (2009, p.5), diz que a espiritualidade também pode ser experimentada fora das estruturas religiosas formais no sentido amplo e pessoal e Elkins citado por Walsh (2009, p.6) fala que os recursos espirituais incluem práticas de oração, meditação e rituais de cura pela fé, mas sabemos que existem muitas interpretações do termo espiritualidade.

Lidar com a mudanças ou perdas é uma parte inevitável da vida. Em algum momento, todo mundo experimenta diferentes graus de provações. Alguns desses desafios podem ser em menor grau, ou realmente abaladores. Como as pessoas lidam com esses problemas, tem haver diretamente com as consequências que vão colher nas suas vidas, não somente no que vai resultar as suas atitudes, mas também as consequências psicológicas a longo prazo. Pessoas que são capazes de manter a calma em situações de crise, ou de se recuperarem de traumas com maior facilidade, tem o que os psicólogos chamam de resiliência, essa habilidade de lidar com os problemas. Pessoas resilientes são capazes de utilizarem suas habilidades para lidarem e se recuperarem de problemas e desafios. Aqueles que não têm essa resistência podem tornarem-se deprimidos por tais experiências. Eles podem desmoronar sobre os problemas por não terem grandes mecanismos de enfrentamento para lidar com esses desafios. Geralmente, esses indivíduos são mais lentos para se recuperar de contratempos e podem ter mais distúrbios psicológicos, como resultado. Resiliência não elimina as dificuldades da vida. Em

---

<sup>1</sup> Nota: Tradução do pesquisador para os textos de WALSH, F. **Spiritual Resources in Therapy**. 2.ed. New York: Guilford Press, 2009.



vez disso, ele dá às pessoas a força para enfrentar problemas de frente, superar as adversidades e seguir em frente com suas vidas.

Muitas pessoas que não se consideram religiosas levam uma vida espiritual e encontram alimento espiritual de modos variados. Alguns encontram renovação e conexão na natureza e artes criativas, outros encontram significado e propósito através do humanismo secular, de servir a outros ou do ativismo social.

Nos domínios das ciências humanas e da saúde, o conceito de resiliência faz referência à capacidade do ser humano em responder de forma positiva às situações adversas que enfrenta, mesmo quando estas comportam risco potencial para sua saúde e/ou seu desenvolvimento. Esta capacidade é considerada por alguns autores como uma competência individual que se constrói a partir das interações entre o indivíduo, a família e o ambiente e, para outros, como uma competência não apenas do indivíduo, mas, também, de algumas famílias e de certas coletividades. Trata-se, portanto, de um fenômeno complexo, atrelado à interdependência entre os múltiplos contextos com os quais o sujeito interage de forma direta ou indireta e sobre o qual incide diferentes visões.

A importância da espiritualidade é corrente desde os primórdios da humanidade. A espiritualidade é uma forte ferramenta na vida e na formação da resiliência nos momentos de crise. Segundo Buber:

O homem aspira possuir Deus; ele aspira por uma continuidade da posse de Deus no espaço e no tempo. Ele não se contenta com a inefável confirmação do sentido, ele quer vê-la difundida como um contínuo, sem interrupção espaço-temporal que lhe forneça uma segurança a sua vida, em cada ponto, em cada momento[...] Ele aspira à extensão temporal, a duração. Deus se torna um objeto da fé. Originariamente a fé completa, no tempo, os atos de relação e, gradualmente, ela os substitui. (BUBER, 2003, p.130-131).

Percebe-se que quanto mais o homem confia, crê e desenvolve sua fé pessoal na presença desse Deus em sua vida, tanto mais ele percebe que não está só, ou seja, há uma força maior e grandiosa que o guia e sustenta durante sua jornada pela vida em meios os desafios enfrentados dia após dia.

Campbell citando Erich Fromm mostram a necessidade de transcendência refere-se à vontade do ser humano, e o desejo de erguer-se acima de sua natureza animal, ou seja, tornar-se uma pessoa criativa ao invés de permanecer uma criatura.

Como animais, temos certas necessidades fisiológicas que precisam ser satisfeitas. Como seres humanos, possuímos autoconsciência, razão e imaginação. As experiências exclusivamente humanas são os sentimentos de ternura, amor e compaixão; atitudes de interesse, responsabilidade, identidade, integridade, vulnerabilidade, transcendência e liberdade; valores e normas. (CAMPBELL, 2000, p.130).

Assim Fromm salienta que se os impulsos criativos forem frustrados, a pessoa conseqüentemente se torna destruidora. Fromm aponta que o amor e o ódio não são impulsos antitéticos, mas são respostas às necessidades da pessoa de transcender sua natureza animal. Os animais não amam nem odeiam, mas os seres humanos sim. O ser humano possui alma e espírito o que o difere do animal, e essa é a condição essencial para que ele tenha a necessidade de transcender.

Quanto ao termo espiritualidade, o espírito, considerado, por Weil citado por Walsh (2009, p.84) é “a essência vital, a fonte da vida e do poder”. Em muitas línguas a palavra para “espírito” e para “sopro” é a mesma no grego, *pneuma*; em hebraico *reach*; em latim, *spiritus*; em sânscrito, *spiritus*.

Espiritualidade não é simplesmente um tópico especial, ao invés disso, ela é semelhante à cultura e à etnicidade, ela envolve um derramar de experiências que fluem através de todos os aspectos de nossas vidas. Crenças espirituais influenciam nos modos de enfrentamento da adversidade, da experiência do sofrimento, e dos significados dos sintomas.

Para Walsh, a alma, em muitas civilizações, tem sido mostrada como uma fonte genuinamente humana de profundidade, alegria, tristeza e mistério; uma metáfora expressando o relacionamento entre seres humanos e Deus. Por isso, cuidar da alma é restaurar e fortalecer esta conexão (WALSH, 2009, p.8).

Concluiu-se, a partir da referida concepção, que a espiritualidade é a atividade através da qual se trabalha ou desenvolve-se o espírito e a alma humana e que a maior distinção entre o homem e o animal não é somente a racionalidade, mas a espiritualidade.

Walsh (2009, p.9) enfatizou que a esperança ajuda as pessoas a se sentirem conectadas quando os golpes da vida fazem tais pessoas se sentirem isoladas, terminado no afastamento do convívio social tão necessário para a interação entre as pessoas. A importância da comunidade eclesial é grande neste aspecto, pois a comunhão entre irmãos traz trocas de experiências, ajudas entre irmãos, melhorando a auto-estima do grupo e desenvolvendo confianças mútuas.

A capacitação e treinamento na teoria e na prática, de cléricos e voluntários por profissionais competentes, para corresponderem à grande demanda atual para desenvolverem em organizações sociais, voltadas para a família e suas relações, pode favorecer a interlocução entre profissionais de diversas áreas.

Esta capacitação poderá possibilitar o trabalho em equipes interdisciplinares e fornecer base teórica e epistemológica sólida para o desenvolvimento de habilidades de atuação em diversos contextos de prática profissional, no atendimento de famílias e casais. Logo não só como diz Godrick fomentar a pesquisa científica na área da terapia familiar (CARTER e MCGOLDRICK, 2001, p.46), como também aumentar a visão pastoral neste quesito.

Muitos que buscam a ajuda para problemas físicos, emocionais, ou interpessoais também estão sofrendo espiritualmente. Por isso, como terapeutas e profissionais da área de saúde humana, devem necessariamente prestar atenção na dimensão espiritual da experiência humana, para que se possa entender as necessidades e sofrimentos de nossos clientes, auxiliando-os desta forma no seu processo de cura e crescimento. De acordo com Rocca:

Em vários âmbitos e, sobretudo, na pastoral, constatam-se vários depoimentos de pessoas que passaram por situações difíceis e que sentindo-se acolhidas com carinho, valorizadas e aceitas encontraram capacidade de esperança para assumir, com sentido e esperança, as dificuldades e sofrimentos. (ROCCA, 2007, p.17).

O trabalho de um pastor consiste em perspectivas religiosas, éticas e psicológicas e tem o objetivo de fazer com que a comunidade testemunhe a sua fé. A psicologia neste caso entra como forma de complementação para o sacerdote. É certo que técnicas são pertinentes. Lembrando que o aconselhamento pastoral usando a técnica do aconselhamento bíblico, representa confronto pois exige uma decisão do aconselhado.

Segundo Szentmártoni (2004 p. 63) "a consulta pastoral enfatiza os problemas do indivíduo, por exemplo um conflito, uma decisão, uma depressão".

Assim para que não exista confusão o pastor terá que lembrar da diferença grande entre o púlpito e o gabinete.

Quando se lida com a Igreja se lida com a comunidade, multidão, e então o confronto tem que ser diferente do pessoal. Szentmártoni diz:

A diferença entre a consulta e o trabalho pastoral está no fato de vez em quando excluir temporariamente os juízos morais sobre a conduta do indivíduo e se concentrar sobretudo nos processos psicológicos que possam levar a pessoa a uma maturidade mais desenvolvida. A psicologia assume um papel mais específico. Exige-se, por isso, uma formação mais técnica. (Szentmártoni, 2004, p. 64).

“As religiões ofertam padrões consistentes para a expressão de crenças básicas, assim como o apoio da congregação em épocas de crise. Os rituais e as cerimônias oferecem aos participantes um senso de self coletivo”. WALSH (1998, p. 67).

A rigor a espiritualidade também pode ser encontrada nas artes criativas, no trabalho de ativismo social, na conexão com a natureza, na prática da meditação, nas crenças filosóficas e políticas.

O ativismo social é uma forma de espiritualidade, um meio pelo qual o indivíduo se entrega a uma causa, a fim de que, outras pessoas possam ser beneficiadas. “A espiritualidade pode ser experimentada fora ou dentro das estruturas religiosas formais no sentido amplo e pessoal”. (ELKINS apud WALSH, 2009, p.67).

O interesse sobre a espiritualidade e a religiosidade sempre existiu no curso da história humana, a despeito de diferentes épocas ou culturas. Contudo, apenas recentemente a ciência tem demonstrado interesse em investigar o tema. Segundo Brakemeier:

A história da relação entre religião e ciências tem sido marcada por rivalidade e acontecimentos traumatizantes. Produziu mártires, a exemplo de Giordano Bruno, condenado pela Igreja Católica, torturado e queimado vivo por resistir a retratar-se no que diz respeito às suas convicções copernicas. Não menos escandalosa é a perseguição que se tornaram vítimas muitos cientistas por parte dos de grupos protestantes na maioria fundamentalistas. (BRAKEMEIER 2006, p.10)

O valor da espiritualidade na vida das pessoas no seu sentido benéfico é algo já reconhecido da ciência. Quanto a isso diz Seligman:

Estudos realizados sobre espiritualidade e religiosidade em amostras específicas (por exemplo, enfermidades graves, depressão e transtornos ansiosos) mostraram pertinência quanto à investigação do impacto dessas práticas na saúde mental e na qualidade de vida. Com respeito a isso os psicólogos hoje conseguem medir conceitos antes confusos como depressão, esquizofrenia, e alcoolismo com precisão considerável. (SELIGMAN,1963, p.11).

Percebe-se que a presença da espiritualidade no seu sentido genérico, fator de promoção da resiliência destacando que estudos recentes sobre a resiliência apontaram que a conscientização em torno de valores humanos básicos são fundamentais à melhoria da qualidade de vida dos sujeitos, sobretudo, em contextos marcados pela adversidade, como ocorre hoje no seio das famílias da contemporaneidade.

Conforme Walsh (2005, p.109), resiliência pode ser definida como a capacidade de renascer da adversidade, fortalecido e com mais recursos. A resiliência caracteriza-se pela capacidade do ser humano responder de forma positiva às demandas da vida cotidiana, apesar das adversidades que enfrenta ao longo de seu desenvolvimento. Trata-se de um conceito que comporta um potencial valioso em termos de prevenção e promoção da saúde das famílias, mas, ainda permeado de incertezas e controvérsias. É um processo ativo de resistência, reestruturação e crescimento em resposta à crise e ao desafio, ou seja, segundo autora citada acima:

A capacidade de superar os golpes do destino ultrajante desafia a sabedoria convencional da nossa cultura: de que o trauma precoce ou grave não pode ser desfeito; de que a adversidade sempre prejudica as pessoas, mais cedo ou mais tarde e de que os filhos de famílias perturbadas ou "destruídas" estão condenados. (WALSH, 2005, p.3)

De forma geral, Walsh e MCGoldrick (1998, p.80) consideram que a resiliência implica mais do que meramente sobreviver à situação adversa ou escapar de alguma privação. Representa uma contraposição à idéia de que os sujeitos que crescem em ambientes adversos estão fadados a se tornarem adultos problemáticos. Para exemplificar, a autora refere que os sobreviventes de experiências catastróficas não são necessariamente pessoas resilientes; alguns deles podem centrar suas vidas em torno das experiências negativas que vivenciaram, negligenciando outras dimensões de seu viver, enquanto que as pessoas resilientes desenvolvem certas habilidades que lhes possibilitam assumir o cuidado e o compromisso com sua própria vida. Percebe-se através dos estudos teóricos de Walsh e MCGoldrick (1998 p.85), que o termo resiliência é utilizado com freqüência em países da Europa, nos Estados Unidos e Canadá, seja no cotidiano

de conversas informais como para justificar, referir e direcionar programas políticos de ação social e educacional.

Sobre o termo resiliência, no Brasil seu uso ainda provoca estranhamento, com exceção de pequenos grupos de pessoas em alguns círculos acadêmicos tal tema ainda é recente. Em Psicologia os estudos sobre o tema datam cerca de trinta anos e as definições não são tão precisas, mas em geral referem-se aos fenômenos que explicam o mecanismo enfrentamento, adaptação e superação de crises e adversidades.

Tratar da resiliência em famílias significa focar e pesquisar os aspectos sadios e de sucesso do grupo familiar ao invés de destacar seus desajustes e falhas. Segundo Walsh (2005, p.110), o foco da resiliência em família deve procurar identificar e implementar os processos chaves que possibilitem que as famílias, não só lidem mais eficientemente com situações de crise ou estresse permanente, mas sejam fortalecidas pelas mesmas não importando se a fonte de estresse é interna ou externa à família.

Desta forma, a unidade funcional da família estará fortalecida, o que possibilitara que a resiliência atue em todos os membros participantes do sistema. Portanto, resiliência em famílias refere-se a “processos de adaptação e mecanismos de enfrentamento do grupo enquanto unidade funcional” (WALSH e MCGOLDRICK 1998, p.14).

Conforme autora citada acima resiliência é a capacidade de reagir à adversidade, ficar mais forte e com mais recursos diante das adversidades. É um processo ativo de resistência, auto-recuperação, e crescimento em resposta à crise e ao desafio, ou seja, a habilidade para suportar e reagir aos desafios da vida. Para Walsh (2005, p.45), resiliência é definida como: a capacidade de ter esperança e fé para suportar a maioria dos traumas e perdas, superando assim as adversidades, prevalecendo dessa forma com mais recursos, competência e união, e esta questão da “união” é de importantíssima para o nosso estudo.

Segundo McGoldrick (1998, p. 25), pessoas altamente resilientes buscam ajuda quando necessário, recorrendo a sistemas de apoio familiares, sociais e religiosos, assim como aos psicólogos e conselheiros. O apoio mútuo promove a resiliência dos relacionamentos, fortalecendo as famílias e suas comunidades.

Walsh (1998 p.293) apresenta uma longa trajetória no estudo de famílias na cidade de Chicago e várias publicações sobre o tema. Seus achados resultam dos

anos de docência, da experiência no atendimento clínico e orientação de famílias e da prática de supervisão de casos acompanhados por outros profissionais de diferentes áreas.

Na tentativa de integrar as contribuições das pesquisas e da literatura sobre a resiliência no indivíduo e na família, Hawley e De Hann citados por Walsh e MCGoldrick propõem a seguinte definição:

Resiliência em família descreve a trajetória da família no sentido de sua adaptação e prosperidade diante de situações de estresse, tanto no presente como ao longo do tempo. Famílias resilientes respondem positivamente a estas condições de uma maneira singular, dependendo do contexto, do nível de desenvolvimento, da interação resultante da combinação entre fatores de risco, de proteção e de esquemas compartilhados (HAWLEY e DE HANN apud WALSH e MCGOLDRICK, 1998, p. 293).

A visão pessimista de que as famílias afetadas por uma adversidade qualquer não possam transcender, trata-se de uma concepção equivocada em se tratando de resiliência, pois mais do que apenas sobreviver, atravessar ou fugir de uma provação angustiante é a arte da superação.

Em contraste, as qualidades da resiliência permitem aos indivíduos pessoas se curarem de feridas dolorosas, assumirem suas vidas e irem em frente para viver e amar plenamente. Para entender a resiliência é importante distingui-la de noções equivocadas de "invulnerabilidade" e "auto-suficiência". (WALSH, 2005, p.6). A resiliência é forjada pela abertura a experiências e à interdependência com as outras pessoas.

Assim, considera-se que invulnerabilidade passa somente a idéia de uma característica intrínseca do indivíduo, e as pesquisas mais recentes têm indicado que a resiliência ou resistência ao estresse é relativa e que suas bases são tanto constitucionais como ambientais, e que o grau de resistência não tem uma quantidade fixa, e sim, varia de acordo com as circunstâncias.

Walsh (2005, p.110) propõe que sejam estudados processos-chave da resiliência em famílias, os quais fundamentam a sua proposta de abordagem denominada "funcionamento familiar efetivo".

A autora organizou seus conhecimentos nesta área e propõe um panorama

conceitual dentro de três domínios: “sistema de crenças da família, padrões de organização e processos de comunicação”.

Esses processos podem estar organizados e expressar-se de diferentes formas e níveis, haja vista que servem a diferentes constelações, valores, recursos e desafios das famílias (WALSH e MCGOLDRICK, 1998 p. 298).

A autora citada acima ressalta que nas características do indivíduo resiliente, pontos como otimismo, esperança, fé, desenvolvimento da espiritualidade, capacidade de reflexão e significação da situação mediante a espiritualidade, enfim, são vários os fatores de proteção que podem ser encontrados na espiritualidade.

São várias as observações em campos de concentração de que indivíduos que tinham contato com a sua espiritualidade não só sobreviviam aos campos, mas que também se adaptavam melhor e conseguiam se superar quando saíam. Percebe-se que há exemplos de vários sobreviventes que se tornaram grandes pensadores, um deles Viktor E. Frankl, psicólogo. No livro “Em busca do sentido” o autor citado diz:

Duvido que um médico possa responder esta questão em termos genéricos. Isto porque o sentido da vida difere de pessoa para pessoa, de um dia para outro, de uma hora para outra. O que importa, por conseguinte, não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento. Formular esta questão em termos gerais seria comparável. A perguntar a um campeão de xadrez: "Diga-me, mestre, qual o melhor lance do mundo?" Simplesmente não existe algo como o melhor lance ou um bom lance à parte de uma situação específica num jogo e da personalidade peculiar do adversário. O mesmo é válido para a existência humana. Não se deveria procurar um sentido abstrato da vida. Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida; cada um precisa executar uma tarefa concreta, que está a exigir realização. Nisto a pessoa não pode ser substituída, nem pode sua vida ser repetida. Assim, a tarefa de cada um é tão singular como a sua oportunidade específica de levá-la a cabo. Uma vez que cada situação na vida constitui um desafio para a pessoa e lhe apresenta um problema para resolver, pode-se, a rigor, inverter a questão pelo sentido da vida. Em última análise, a pessoa não deveria perguntar qual o sentido da sua vida, mas antes deve reconhecer que é *ela* que está sendo indagada. Em suma, cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida respondendo por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável (FRANKL, 2003, p.98).

Frankl (2003, p.94). Acredita que esse potencial existe e que se encontra presente nele, incluindo no homem aspirações mais altas aberturas à transcendência.



A vida de Frankl é marcada pelo sofrimento dos campos de concentração mantidos pelo governo nazista. Durante quase três anos, entre 1942 e 1945, o mesmo foi prisioneiro dos nazistas em diferentes campos, como o de Auschwitz. Nos campos de concentração, perdeu sua mulher, seus pais e um irmão. Frankl referia-se a esse período como o *experimentum crucis* para suas pressuposições sobre a psicoterapia.

O conceito trabalhado por Frankl a respeito do “integracionismo: terapia x espiritualidade” baseia-se na busca do “Sentido da Vida”, e é chamado de “logoterapia”, (FRANKL, 2003, p.98) em um aspecto final para a resiliência individual. O autor mencionado ressalta que:

A logoterapia se concentra mais no futuro, ou seja, nos sentidos a serem realizados pelo paciente em seu futuro. (A logoterapia é, de fato, uma psicoterapia centrada no sentido). Ao mesmo tempo, a logoterapia tira do foco de atenção todas aquelas formações tipo círculo vicioso e mecanismos retroalimentadores que desempenham papel tão importante na criação de neuroses. (FRANKL, 2003, p.98)

Para Frankl, “logos” significa em grego “sentido”. Assim, a logoterapia se baseia no confronto do paciente com o sentido de sua vida e o reorienta para este sentido. Estes estudos nos campos da psicologia mostram ser mais fácil sair de uma crise quando se tem um objetivo. Frankl (2003, P. 92) diz sobre isso:

Quero explicar por que tomei o termo “logoterapia” para designar minha teoria. O termo “Logos” é uma palavra grega e significa “sentido”. A logoterapia, ou, como tem sido chamada por alguns autores, a “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia”, concentra-se “no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por este sentido”. Para a logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano. Por esta razão costumo falar de uma vontade de sentido, a contrastar com o princípio do prazer (ou, como também poderíamos chamá-lo, a vontade de prazer) no qual repousa a psicanálise freudiana, e contrastando ainda com a vontade de poder, enfatizada pela psicologia adleriana através do uso do termo “busca de superioridade”.

O conceito de “logoterapia” foi usado pela primeira vez em 1926, e é a aplicação clínica da análise existencial, ampliando “o escopo da psicoterapia para além da *psique*, ultrapassando a dimensão psicológica, a fim de incluir a dimensão noológica, ou o *logos*” (HURDING, 1995, p.148).

Segundo Higgins citado por McGoldrick (2003, p. 84), as chaves da resiliência, da fé e da intimidade estão ligadas, ou seja, a fé é inerentemente relacional, desde o início da infância, quando os significados fundamentais sobre a vida são moldados até a vida adulta. Nos relacionamentos de prestação de cuidados, importar-se com os outros, ao mesmo tempo que traz benefícios a uma pessoa necessitada, traz conforto e dá significado para vida de indivíduos quem se importa.

Frankl citado por McGoldrick (2003, p.87), ao contar sobre sua vida nos campos de concentração nazistas, chegou à conclusão de que a salvação é encontrada através do amor. O amor vai além do estado da paixão, do relacionamento físico, ou de interesses pessoais. Mc Goldrick dá um exemplo disso em uma ilustração:

[...] quando ele visualizava a imagem de sua esposa, um pensamento passava por sua mente: Eu nem sequer sabia se ela estava viva. Só sabia uma coisa - que agora eu havia aprendido bem; o amor vai além da pessoa física do amado. Ele encontra seu significado mais profundo em seu ser espiritual, em seu interior. (MCGOLDRICK, 2003, p. 85)

Hurding (1995, p. 143-149) mostra que o existencialismo é uma maneira de enxergar a natureza humana e a ordem natural abarcando ampla gama de tônicas diferentes. Viktor Frankl, dentre os teorizados mencionados no livro, é um dos mais compatíveis com o judaísmo e o cristianismo. Procurou estabelecer uma psicoterapia sobre os alicerces da psicanálise de Freud da psicologia individual de Adler.

A análise existencial é usada para interpretar o que significa para um paciente ser humano sob o aspecto do sentimento da responsabilidade. Sua aplicação é conhecida por “logoterapia”. Quanto ao aspecto espiritual ele diz que o físico possibilita a ativação psicológica de uma exigência espiritual.

A logoterapia objetiva o alcançar significado: o espírito humano tem sede de significado; o significado dentro do sofrimento: as aflições podem ser transformadas em algo positivo e criativo; liberdade da vontade: ajuda o paciente a exercitar a liberdade da vontade.

Muitos estudos há realizados acerca da esquizofrenia e da dinâmica da família. Uma sugestão de integração através do relacionamento terapêutico deve ser

avaliada. Será que o cientificamente correto poderá ser religiosamente errado? O fato é que a resiliência pode ser aumentada através de todos estes aspectos de terapia discutidos.

Enfim considera-se, então, que a espiritualidade é um fator de promoção da resiliência. Estudos atuais sobre resiliência apontam que a conscientização em torno de valores humanos básicos são fundamentais à melhoria da qualidade de vida dos sujeitos, sobretudo, em contextos marcados pela adversidade.

### 1.1. Estudo das resiliências.

Como já exposto, “resiliencia” é uma palavra que surgiu na Física, e é a capacidade que alguns materiais apresentam de voltar a sua forma original após serem submetidos à tensão máxima. Segundo Rocca, L. (2007 P.10) é uma força de resistência ao choque e de recuperação. Significa a capacidade elástica de um material para recobrar a sua forma original depois de ter sido submetido a pressão deformadora. Na psicologia, é recuperar-se, ir para frente depois de uma doença ou trauma. Vencer as provas e crises da vida.

Com relação aos seres humanos, todos conhecem pessoas que enfrentaram experiências avassaladoras e se recuperaram. No mundo das reorganizações, a mudança das condições de mercado, a globalização, a redução dos recursos disponíveis (tempo, equipes, dinheiro, entre outros) e o aumento da competitividade tornaram a resiliência uma competência essencial aos profissionais que querem ter destaque na vida profissional e pessoal. O mundo ficou mais complexo, basta assistir às notícias que os jornais trazem todos os dias.

Segundo Seligman citado por Walsh (2005 p.43) que fala sobre o “otimismo aprendido” este tem forte apoio na resiliência. Seu trabalho anterior sobre “desesperança aprendida” demonstrou como as pessoas podem ser condicionadas a se tornarem passivas e a deixar de tentar resolver os problemas, particularmente quando as recompensas e as punições não são vinculadas ao seu comportamento. Seligman propôs que, se a desesperança pode ser aprendida, ela pode ser também desaprendida com experiências de controle, nas quais as pessoas passam a acreditar que seus esforços e suas ações podem produzir sucesso.

Segundo Seligman (2000, p.454), o otimismo aprendido é visto como um antídoto “aprender a pensar de modo mais otimista quando fracassamos, nos deixa permanentemente capazes de evitar a depressão. Isso também nos ajuda a

conseguir uma saúde cada vez melhor”. Seligman descreve as estratégias para se aprender o comportamento otimista e ressalta que um otimismo flexível como uma abordagem à vida, é uma posição fascinante.

O resiliente é aquele ser humano que consegue se recuperar frente às adversidades que enfrenta na existência, seja na vida profissional, seja na vida pessoal. É válido destacar que a pessoa resiliente não é aquela que é onipotente ou invulnerável, ou seja, que nada a atinge. É aquela que se sente atingida e que se recupera das situações difíceis.

Assim foi estudado alguns aspectos do ser humano resiliente como ser individual. Abordaremos um pouco mais deste assunto a frente numa visão familiar. De acordo com Walsh (2005, p.7)

Para entender e aumentar a resiliência familiar podemos aprender muito com estudos de indivíduos resilientes empreendidos nas duas últimas décadas. Esses esforços se contrapuseram à visão predominante de que os fatores de risco familiares e ambientais e os eventos negativos da vida produzem, inevitavelmente, transtornos na infância e na idade adulta (WALSH, 2005, p.7).

A resiliência pode ser percebida em termos práticos, ou seja, é um comportamento observável. Os resilientes mantêm-se serenos quando enfrentam a situação adversa e, mesmo com esse cenário desfavorável, conseguem encontrar alternativas, por vezes com muita criatividade, para resolver a situação ou, pelo menos, minimizar seus impactos negativos.

Os estudos de resiliência podem ser separados de acordo com as culturas e também os grupos de adversidade, individuais, familiares, comunitários e culturais.

Segundo Walsh e MCGoldrick (1998 p.43), fatores individuais como capacidade de relacionar consigo mesmo e com o mundo; o otimismo na busca do sentido da vida (Logoterapia), e fatores familiares como pais competentes, atenção aos estudos, vantagens sócio-econômicas, processamento de fé, e fatores sociais, senso de comunidades, modelos adequados de princípios, regras e normas, amigos, oportunidade de empregos, oportunidade de pertencer e atividades comunitárias, fatores culturais como forte identidade étnica e positiva, ativismo étnico-resistência a opressão, identificação a valores e crenças tradicionais, cultivo de raízes.

Segundo Walsh (2005 p.110) pode-se dizer que os padrões de resiliência são disposicionais, relacionais, e situacionais, ou seja, das crenças fisiológicas, e religiosas como fé; esperança no futuro; sorte; crença de que a vida tem sentido; propósito e valor; crença de que cada pessoa tem um caminho que é único.

Os padrões disposicionais físicos como inteligência e saúde, boa aparência, competência atlética, os aspectos psicossociais como consciência do próprio valor e auto-estima, autoconfiança, crença na própria eficiência, autonomia, coragem, auto-realização, humor.

Os padrões relacionais nos aspectos intrínsecos: capacidade de estabelecer relações sociais; identificação com modelos de pais positivos; habilidade de contar com a relação de pessoas íntimas. Os aspectos extrínsecos: múltiplos interesses e *hobbies*; compromisso constante com educação, trabalho e atividades sociais; suporte social; interações positivas com familiares e amigos.

Os padrões situacionais habilidade para avaliações cognitivas; habilidade para a resolução de problemas; habilidade para julgar e agir, ciente das expectativas e das conseqüências da ação; consciência do que pode ou não ser levado a cabo; capacidade de adequadamente limitar os objetivos; sintonia com as transformações do mundo; capacidade de reflexão sobre as situações; perseverança, flexibilidade e engenhosidade; autocontrole e disciplina; curiosidade e criatividade.

Pode-se dizer que alguns aspectos fundamentais para a resiliência são a auto-estima e auto-apreciação que não são natos, mas se constroem ao longo do desenvolvimento de cada indivíduo de forma singular, pois sabemos que todo ser humano tem a necessidade de ser amado, valorizado na primeira infância e no curso do seu desenvolvimento. Para que o mesmo desenvolva uma auto-estima adequada e senso de valor, o que influenciará a sua infância, sua adolescência, sua vida adulta, seu convívio social, suas relações amorosas e sua vida profissional.

### 1.1.2 Categorias das resiliências

Algumas categorias de resiliência foram ressaltadas por McGoldrick as quais, segundo o autor, identificam-se com o humor, a auto-estima, o propósito de vida (meta, sonho), iniciativa, auto-conceito, aceitação, autonomia independência, otimismo (ponto de vista positivo), espiritualidade, apoio (suporte) familiar e social).

Deu-se maior ênfase neste estudo a categoria espiritualidade, especialmente na espiritualidade cristã pela sua presença mais acentuada e predominante no Brasil e em todo o mundo. De acordo com MCGoldrick (2003, p.79) destacam-se:

- O humor como capacidade de encontrar o “cômico” na própria tragédia; palavra humor deriva do latim humor, que significa líquido.
- A auto-estima inclui a avaliação subjectiva que uma pessoa faz de si mesma como sendo intrinsecamente positiva ou negativa em algum grau. O resiliente tem grande probabilidade de ter uma elevada auto-estima.
- Propósito de vida - Habitualmente, os resilientes demonstram comportamentos de espiritualidade e valores conectados com um propósito de vida.
- Iniciativa - resiliente é aquele ser humano que consegue se recuperar frente às adversidades que enfrenta na existência, seja na vida profissional, seja na vida pessoal.
- Espiritualidade - A espiritualidade é um dos caminhos que ajuda as famílias a lidar de forma mais resiliente frente aos desafios do viver, ou seja, para que as mesmas tenham mais qualidade de vida diante dos sofrimentos inerentes ao homem. (MCGoldrick 2003, p.79)

Tais categorias reforçam a postura positiva do indivíduo no convívio com sua família, fortalecendo os mecanismos de enfrentamento diante de situações de adversidades, contribuindo, assim, para uma vida mais harmônica e feliz. Assim, a espiritualidade se torna fonte de grandes mudanças regenerativas de vários problemas.

Crenças transcendentais proporcionam significado e objetivo que estão além de nós, de nossas famílias e de situações de crise imediatas. A necessidade de encontrar um significado maior em nossas vidas é mais comumente satisfeita através da fé religiosa ou espiritual, e da herança cultural. Pode também ser encontrada nas visões ideológicas, como convicções filosóficas e políticas profundas. As crenças transcendentais oferecem clareza sobre a nossa vida e conforto na aflição; tornam eventos inesperados menos ameaçadores e permitem a aceitação de situações que não podem ser mudadas. (MCGOLDRICK, 2003, p.83).

“As religiões incluem valor, crenças sobre Deus e envolvimento em comunidade” (MCGOLDRICK, 2003, p.84). A fé pode ser mais importante na manutenção da resiliência do que a participação freqüente em serviços ou atividades religiosas.

Estudos sobre as religiões, ao longo dos séculos têm mostrado que a alma, em muitas civilizações, é uma fonte genuinamente humana de profundidade, alegria, tristeza e mistério, constituindo-se de uma metáfora expressando o relacionamento

entre seres humanos e Deus. Por isso, cuidar da alma é restaurar e fortalecer esta conexão (WALSH, 2009 p. 68).

Psicologicamente sabemos que fatos tristes na vida podem se transformar em força para enfrentamentos de outros que porventura sobrevenham, uma preparação para o caminhar, ou mesmo para ajudar outros. Espiritualmente podemos dizer que Deus transforma situações de sofrimento em oportunidade de crescimento.

## 1.2 Resiliência e as adversidades humanas.

Muitos momentos da vida são muito duros, complicados, tristes e podem derrubar uma pessoa para sempre. É difícil encontrar um sentido para muitas das coisas que acontecem, mas neste processo de busca de sentido, pode-se surgir um momento de despertar e de reflexão. “Uma crise pode ser um chamado para despertar, aumentando nossa atenção para o que realmente importa em nossas vidas”. (WALSH, 2005, p.7).

A crise pode ser um momento de reflexão que nos faz priorizar o que realmente for relevante para nossas vidas. Espiritualmente falando um momento da vida que nos leva a buscar a Deus. Psicologicamente falando um momento que nos faz cair o auto-engano, a nos enxergarmos.

“Crise significa no grego (*krisis* ou *krínein*) a decisão num juízo. Toda situação de crise, para ser superada, exige uma decisão”. (BOFF, 2011, p.28). A crise traz a possibilidade de decisão, ou seja, é um momento crucial de transformação.

A origem filosófica da palavra crise é extremamente rica e encerra o sentido originário de crise. “A palavra sânscrita para crise é *kri* ou *kir* e significa “desembaraçar” (scatter, scattering), “purificar” (poring out), “limpar”. O português conservou ainda as palavras *acrisolar* e *crisol* d4rque guarda a nítida reminiscência de sua origem sânscrita. A crise age como um *crisol* (elemento químico) que purifica o ouro das gangas; *acrisola* (purifica, limpa) dos elementos que se incrustaram num processo vital ou histórico [...]. (BOFF, 2011, p.27).

Crise é um momento de purificação necessário para o nosso crescimento e amadurecimento. “Todo processo de purificação implica ruptura, divisão e descontinuidade”. (BÜCHSEL apud BOFF, 2011, p.27).

A angústia é um momento de desespero, mas também uma abertura, para se fazer escolhas e também para se ter esperança. “A esperança é superior à

angústia”. (BLOCH apud MOLTSMANN, 1997, P.54). “A angústia é a irmã natural e inevitável da esperança”. Não se aprende a esperança rejeitando a angústia ou ignorando os perigos. (MOLTSMANN, 1997, P.54). Ainda citando Moltmann:

A angústia - anxietas -, contrariamente, amarra a garganta de uma pessoa e sufoca-a. A esperança - Spes -, pelo contrário, faz respirar livremente. A angústia faz ficar fraco, pequeno e feio. Na força da esperança, porém, ergue-se a cabeça e aprende-se a andar em pé. Tem-se angústia frente à prisão e à morte. A esperança, no entanto quer vida e liberdade. (Moltmann, 1997, P.53).

Não existe esperança sem angústia, como Albert Camus dizia no seu livro: O Mito de Sísifo “não existe sol sem sombra”. Desta forma, observa-se que possibilidade da esperança e de sentido para a existência nasce das situações de crise, das pedras que rolam do topo da montanha.

Somos interrogados pela vida e precisamos responder a estas questões, vivendo de forma autêntica e assumindo a responsabilidade pelas nossas escolhas. “Uma crise pode ser um chamado para despertar, aumentando nossa tensão para o que realmente importa em nossas vidas. Uma perda dolorosa pode nos impulsionar para direções novas e imprevistas”. (WALSH, 2005, P.7).

Percebe-se que a crise existencial ou “frustração existencial” é um questionamento de valores sobre o propósito da vida. [...] “cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida respondendo por sua própria vida”. (FRANKL, 2003, p.98). O indivíduo somente pode responder as questões que a vida coloca, a partir do momento em que ele assume a responsabilidade perante sua existência.

“A frustração existencial em si mesma não é patológica nem patogênica. A preocupação ou mesmo o desespero das pessoas sobre se a sua vida vale a pena ser vivida é uma angústia existencial, mas de forma alguma uma doença mental”. (FRANKL, 2003, p.94). A crise existencial é um momento constitutivo do nosso ser.

Engajar-se para buscar um sentido maior para nossa existência é uma condição *sine qua non* para que possamos enfrentar a angústia e transcendê-la. “Quem tem um por que viver enfrenta quase qualquer como”. (FRANKL apud NIETZSCHE, 2003, p. 95).



Segundo Walsh (2005, p. 53), o significado de adversidade varia entre as culturas. Adversidade é sinônimo de infortúnio ou revés. Mas também costuma ser entendida como derrota, principalmente quando significa perda de controle de algo ou a não realização de desejos pessoais.

Hurding mostra que Frankl é um indivíduo que entendeu bem o que é adversidade. O autor procurou estabelecer uma psicoterapia que fosse construída sobre os alicerces da psicanálise de Freud e da psicologia individual de Adler. Essa "Terceira Escola Vienense de Psicoterapia" oferecia as terapias afins da análise existencial e da logoterapia. Ele mostra que antes de examinar mais detidamente as pressuposições, os objetivos e os métodos de Frankl, talvez seja útil fazer uma distinção entre esses aspectos duplos de seu enfoque terapêutico. (HURDING, 1995 p.148).

A expressão "análise existencial" foi empregada pela primeira vez por Frankl e outros estudiosos em 1938, e é usada para interpretar o que significa para um paciente ser humano sob o aspecto do sentimento de responsabilidade. A pessoa analisada é incentivada a se fazer clara no que diz respeito à "espiritualidade, liberdade e responsabilidade". Considera a análise existencial uma "antropologia psicoterapêutica" que "precede toda psicoterapia" (FRANK, 2003 apud HURDING, 1995 p.148)

Para Frankl (1990 p.48), que buscou desenvolver, ao longo de sua obra, uma ótica existencial da espiritualidade onde afirmava que uma missão a cumprir na vida, um sentido a realizar (ou o que chamamos aqui de bem-estar existencial), influenciava sobremaneira a saúde geral da pessoa. Essa missão poderia ser um objetivo de vida adequado, alguém que se ame ou um trabalho a desenvolver, em suma, uma atividade externa ao indivíduo que esteja de acordo com suas aptidões, que ele seja capaz de enfrentar e que lhe ofereça desafios permanentes. Frankl ilustra essas considerações com a situação de campo de concentração, onde sobreviviam e se mantinham íntegros aqueles que possuíam uma visão positiva da vida e do mundo (mesmo frente a condições tão desfavoráveis).

Existem várias categorias dos sofrimentos: instabilidade familiar e matrimonial, morte, patologias (doença, depressão) e carências econômicas (pobreza, fome), são apenas alguns exemplos. No livro *Morte na Família - Sobrevivendo às Perdas*, as autoras Walsh e McGoldrick (2005, p.27), falam de uma

das mais fortes adversidades mencionadas nas categorias acima: “a própria morte” e ainda aponta que:

O tema da morte é o último tabu no campo da terapia de família. Nossa teoria, pesquisa e prática, confrontaram problemas intimidantes como a esquizofrenia, o abuso de substâncias, a violência familiar e o incesto, e, ainda assim, raramente abordamos o tópico da perda. De todas as experiências da vida, a morte impõe os desafios adaptativos mais dolorosos para a família como sistema e para cada um de seus membros individualmente, com ressonâncias em todos os seus outros relacionamentos. A negação da morte em nossa sociedade aumenta esta dificuldade. (WALSH, 2005, p.27)

A partir desse ponto pode-se trabalhar o aspecto da terapia familiar, pois a noção da resiliência familiar, propriamente dita, é aquela que concerne os recursos do grupo familiar por ele mesmo enquanto conjunto, e pelos membros que o constituem. Ela é objeto de uma pesquisa específica, enriquecida pela experiência e reflexão teórico-clínica, no campo das terapias familiares.

O luto é um sentimento humano de pesar pela morte de outro ser humano, e tem diferentes formas de expressão em culturas distintas. O uso da cor preta, por exemplo, pode indicar que um indivíduo ou grupo está em luto. Antigamente, quando um familiar morria, as pessoas usavam roupas pretas para demonstrar seus sentimentos pelo seu ente querido. A espiritualidade entra como aspecto positivo na resiliência ao luto na consolação que oferece, pois a morte faz parte da existência de todos nós, faz parte do mistério da vida. Somos seres mortais. Ninguém vive para sempre neste mundo. Tudo é passageiro e temporário, como diz o Salmo 90 (BÍBLIA SAGRADA, 1999).

Assim as palavras podem de Jesus podem trazer grande consolo para o indivíduo e a família que sofre: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim, não morrerá eternamente” (Jo. 11.25-26) (BÍBLIA SAGRADA, 1999),

### **1.3 Espiritualidade Cristã**

Percebemos que existem vários tipos de espiritualidade. Enfocaremos ao longo do trabalho, a espiritualidade cristã. Vivemos num país de maioria católica,

com crescimento evangélico, e de outras religiões tais como o espiritismo. Mas um país com grande tendência ecumênica e ecletismo, no qual todas as religiões citadas e inclusive outros ramos destas se intitulam como cristãs. Sendo assim, sente-se a vontade para expressar este tipo de espiritualidade.

O cristianismo é uma religião monoteísta baseada na vida e nos ensinamentos de Jesus de Nazaré, tais como estes se encontram recolhidos nos Evangelhos, parte integrante do Novo Testamento. Os cristãos acreditam que Jesus é o Messias e como tal referem-se a ele como Jesus Cristo.

Mesmo com o crescimento de outras religiões, o cristianismo continua sendo a doutrina com mais adeptos no mundo todo. Porém, seus seguidores têm mudado de perfil. Há um século, dois terços dos cristãos viviam na Europa. Hoje, os europeus representam apenas um quarto dos cristãos. Mas, o interessante mesmo é apontar onde o cristianismo mais cresceu no último século: na África Subsaariana. De 1910 para cá, a população cristã da região saltou de 9 para 516 milhões de adeptos (SUPER ABRIL, 2012).

Espiritualidade é o tema da agenda religiosa nesta virada de milênio. Em todos os encontros, debates e discussões ela está presente. Não apenas no universo teológico, mas cultural, empresarial, econômico, etc. Todos conversam sobre o assunto, falam de suas experiências, descrevem seu momento espiritual.

Antes de tudo é bom ressaltar que ao abordar o tema espiritualidade refere-se não apenas à obra do Espírito Santo, mas também aos movimentos do espírito humano na busca por identidade e significado. Logo se fala de espiritualidades, pois se trata não somente de uma realidade, mas de várias, com expressões e formas diferentes.

Segundo Anderson citado por Nichols e Schartz (2007 p.61), ao abordar este assunto percebe-se que não há muito tempo, discussões religiosas não eram fatores que merecessem consideração por nenhuma ciência. Os diferentes sistemas de crenças se julgavam donos da verdade. A ciência estava contra a religião e vice-versa, mas hoje os estudiosos tentam aliar a religião como fator de grande poder para tratamento e cura de muitas mazelas.

De acordo com o mesmo autor citado acima:

Durante o século XX, os psicoterapeutas querendo evitar qualquer associação com o que ciência considera irracional, tentaram manter a religião fora do consultório. Também tentamos permanecer fora de empreendimentos moralizadores, lutando para continuar neutros para que

os clientes pudessem tomar suas próprias decisões de vida. Contudo, na virada do século XXI, quando cada vez mais pessoas acham à vida moderna solitária e vazia, a espiritualidade e a religião surgem como antídotos para um disseminado sentimento de alienação tanto na imprensa popular quanto na literatura sobre terapia familiar. Algumas das mais poderosas crenças organizadoras de uma família têm a ver com como eles encontram significado em suas vidas e com suas idéias sobre um poder superior. No entanto, a maioria dos terapeutas nunca pergunta sobre essas questões. É possível explorar as crenças espirituais da família sem fazer proselitismo e sem zombaria? Mais e mais terapeutas acreditam que isso não apenas é possível, como também é crucial. Eles acreditam que as respostas das pessoas a essas questões maiores estão intimamente relacionadas à sua saúde emocional e física. (NICHOLS e SCHWARTZ, 2007, p.292).

Com relação ao fato de que muitas neuroses têm um condicionamento religioso, Jung ressalta nos ensaios sobre "A relação entre a Psicoterapia e a Pastoral" e "Psicanálise e Pastoral" a necessidade da colaboração entre a Psicologia e a Teologia (JUNG, 1978, p.5). Esse é o pensamento atual a respeito deste integracionismo.

Segundo o Instituto de Pesquisa Gallup citado por Walsh (2009), os americanos estão entre as pessoas mais religiosas do mundo. Pesquisas realizadas em 2007 apontaram que 83% dos adultos diziam que a religião era importante na vida deles e 56% consideraram muito importante, e aproximadamente 33% consideraram a parte mais importante de suas vidas. Com relação este assunto Walsh, postula que:

Mesmo com a consciência crescente da sua profunda influência, muitos hesitam em abordar a dimensão espiritual na psicoterapia (Prest e Keller, 1993; Walsh, 1999). A longa tradição de separar a psicoterapia da religião marginalizou e, em muitos casos, estigmatizou as crenças espirituais, de tal forma que os clínicos podem apenas revelar as partes da sua experiência que se ajustam às expectativas normativas daquilo que lhes interessa. Eles podem editar as dimensões espirituais de suas vidas em relatos contínuos que se ajustam à cultura dominante, mas tornam essas crenças e práticas invisíveis. Griffith e Griffith (1998) estimulam os terapeutas a não simplesmente esperar que os clientes lhes tragam questões espirituais, supondo-as sem importância caso não sejam expressadas (WALSH, 2009, p.69).

Creemos que com todos esses diálogos a mentalidade tem mudado bastante e hoje há provas científicas do valor das crenças, e da dimensão espiritual na melhora da qualidade de vida e no sucesso de terapia de várias pessoas.

Princípios mencionados por Henriette Moratto, inclui toda esta questão de respeito ao ser humano e diálogo interdisciplinar:

Resoluções do 1 Congresso Nacional de Psicologia: Ética de respeito ao indivíduo e à sociedade; Trabalho interdisciplinar (complexidade e singularidade do ser humano); Compromisso social do psicólogo não se esgota na função institucional. (Moratto, 2007, p.40)

A religião é um fenômeno humano, a fé tem componentes cognitivos, comportamentais e emocionais. A Espiritualidade e Resiliência pessoal são aspectos pessoais que podem ser desenvolvidos, e observados por conselheiros pastorais, profissionais de serviços humanos e educadores como veículo estruturantes através dos quais os seus detentores podem atingir desenvolvimento de recursos internos que contribuem para o sucesso de enfrentamento de crises, em condições tristes e adversas.

O trabalho de um religioso e de um psicólogo juntos podem levar que pessoas conheçam mais de sua própria força, da sua resiliência psicológica, a profundidade da internalização da sua própria espiritualidade, e saberem em que grau a sua espiritualidade está para a sua capacidade de resistência psicológica, ou seja leva as pessoas a conhecerem a si mesmas.

## CAPÍTULO II

### 2. ALGUMAS LINHAS DE ACONSELHAMENTO E SEUS MENTORES

Iniciaremos com as palavras de Hurding (1995, p.39): Que é aconselhamento? O aconselhamento pastoral é a mesma coisa, usando colarinho clerical? Existe algo que se possa chamar aconselhamento cristão? [...] O que quer dizer aconselhamento bíblico?

Alguns nomes interessantes à pesquisa com suas devidas linhas de pensamento, embasados no referencial teórico o livro *Árvore da Cura* de Hurding, vão ser verificados antes do estudo dos tipos de aconselhamentos.

O que é Aconselhamento? Hurding (1995, p.29) inicia seu um capítulo com vários questionamentos a cerca do aconselhamento dentro da vida cristã, buscando uma definição. Coloca o aconselhamento em contraste ao cuidado pastoral questionando ainda a existência de uma comparação ou mesmo uma igualdade com a evangelização e a psicoterapia.

Hurding (1995, p.31) explica a relação entre aconselhamento e psicoterapia partindo do aspecto histórico, citando avaliações de estudiosos e em seguida sua concepção do assunto. Chama a atenção para a importância da psiquiatria, como modelo médico, afirmando estar diretamente ligado, tanto ao aconselhamento quanto à psicoterapia. Explica a existência de tipos de psiquiatria e as possíveis ligações com o aconselhamento. Cita “ajudar o próximo” e “relacionamento” como elementos na função de aconselhamento e, de acordo com Charles Truax e Robert Carkhuff as qualidades necessárias para um aconselhamento eficaz (e como são desenvolvidas no conselheiro).

Em seguida passa a descrever sobre o relacionamento entre o aconselhamento e a evangelização, apresentando dois pontos básicos nessa área: a necessidade de que todos os cristãos façam parte de um ministério de estímulo mútuo e a disponibilidade de aconselhamento para todos, tanto cristãos como não cristãos.

Sabe-se que os aconselhamentos podem ser de tipos diferentes (aplicações), como aconselhamento pessoal ou individual ou seja, ou para casais, ou familiar, mas o que vamos estudar não serão as aplicações deste aconselhamentos mas os aconselhamentos em si, logo os tipos pertinentes para o estudo segue as sugestões abaixo relacionadas.

## 2.1 O Aconselhamento Pastoral

Para introdução deste tópico, uma frase de Bonhoefer:

O primeiro serviço que alguém deve ao outro na comunidade é ouvi-lo. Assim como o amor a Deus começa com o ouvir a sua Palavra, assim também o amor ao irmão começa com aprender a escutá-lo. É prova do amor de Deus para conosco que não apenas nos dá sua Palavra, mas também nos empresta o ouvido. Portanto é realizar a obra de Deus no irmão quando aprendemos a ouvi-lo. Cristãos e especialmente os pregadores, sempre acham que tem algo a "oferecer" quando se encontram na companhia de outras pessoas, como se isso fosse o seu único serviço. Esquecem que ouvir pode ser um serviço maior do que falar. Muitas pessoas procuram um ouvido atento, e não o encontram entre os cristãos, porque esses falam quando deveriam ouvir. Quem não ouve a seu irmão em breve também não ouvirá a Deus. Quem não consegue ouvir demorada e pacientemente, estará apenas conversando à toa e nunca estará realmente falando com outros, embora não esteja consciente disso. (HOWARD CLINEBELL APUD DIETRICH BONHOEFER 1987 P. 69)

O aconselhamento pastoral é um ramo de aconselhamento em que conselheiros pastorais geralmente integram pensamento psicológico moderno e método com formação religiosa tradicional, em um esforço para tratar de questões psico-espirituais além do espectro tradicional de serviços de aconselhamento.

O que distingue o aconselhamento pastoral de outras formas de aconselhamento e psicoterapia é o papel e a responsabilidade do conselheiro e sua compreensão e expressão do relacionamento pastoral. Conselheiros são representantes para a Igreja do mundo espiritual e seu significado afirmada por suas comunidades religiosas. Assim aconselhamento pastoral oferece um relacionamento com essa compreensão da vida e da fé. O aconselhamento pastoral usa ambos os recursos psicológicos e teológicos para aprofundar o seu entendimento da relação pastoral.

A associação de diversas entidades que combinam teologia e saúde mental tem crescido nos últimos anos. Alguns conselheiros pastorais têm desenvolvido programas especiais de treinamento para encorajar a cooperação entre profissionais religiosos e profissionais de saúde para o tratamento de questões como dependência química, já que a espiritualidade é uma parte importante de recuperação para muitas pessoas. Os centros de recuperação para drogaditos muitas vezes são dirigidos por religiosos.

O aconselhamento pastoral teve início como uma disciplina separada na América do Norte na primeira metade do século XX, quando várias organizações religiosas começaram a incorporar os conhecimentos e formação, de psicologia e psiquiatria, na formação do clero. Na década de 1930, o reverendo Anton Boisen iniciou um programa de colocação de estudantes de teologia em contato supervisionado com doentes mentais. Com o tempo, muitos seminários e outros programas de treinamento para profissionais religiosos começaram a incluir a educação pastoral clínica como parte do treinamento clerical.

O aconselhamento pastoral visa primeiramente despertar, alimentar, e desenvolver a partir da reflexão teológica sobre a tradição bíblica da sabedoria, que era utilizada nos tempos bíblicos, e como Cristo representa a essência a sabedoria em seu modelo ministerial. O aconselhamento pastoral seria uma das dimensões da Poimênica, que acontece no meio da comunidade de fé como um ministério natural da Igreja em cuidar de vidas que se achegam durante o ciclo da vida visando sua integralidade centrada no Espírito com propósito de crescimento, assim executando a Práxis Teológica na sua forma direta. A definição de termos básicos é a seguinte segundo Clinebell:

A poimênica e o aconselhamento pastoral compreendem a utilização por pessoas que exercem o ministério, de relacionamentos de indivíduos para indivíduos ou de pequeno grupo para potencializar a ocorrência de potencialização curativa e crescimento de indivíduos e seus relacionamentos. Poimênica é o ministério amplo e inclusivo de cura e crescimento mútuos dentro de uma congregação e de sua comunidade durante o ciclo de vida (CLINEBELL, 1987, p.24).

A poimênica então acontece no meio da comunidade de fé como um ministério natural da Igreja em cuidar de vidas que se achegam durante o ciclo da vida visando sua integralidade centrada no Espírito com propósito de crescimento.

### 2.1.1 A Poimênica e Aconselhamento Pastoral:

Neste tópico está incluído a prática de pessoas que exercem o ministério de relacionar com indivíduos ou grupos buscando potencializar situações curativas e de crescimento através relacionamentos principalmente no meio da comunidade de fé.

O aconselhamento pastoral que constitui uma dimensão da poimênica é a utilização de uma variedade de métodos de cura (terapêuticos) para ajudar



as pessoas a lidar com seus problemas e crises de uma forma mais conducente ao crescimento e, assim, e assim experimentar a cura de seu quebrantamento. O aconselhamento pastoral é uma função reparadora, necessária quando o crescimento das pessoas é seriamente comprometido ou bloqueado por crises. (CLINEBELL, 1987, p.25)

Ainda cabe-se falar da Psicoterapia Pastoral, tópico abaixo:

### 2.1.3. Psicoterapia Pastoral

Este é um trabalho mais árduo, e é quando o conselheiro acompanha por longo prazo uma pessoa que precisa de tratamento devido a um trauma que precise de acompanhamento especializado. Este trabalho é geralmente exercido por pessoas que se dedicam a este ministério e se capacitam com técnicas e métodos psicoterápicos visando a reconstrução de vidas.

Segundo Clinebell é a utilização de métodos terapêuticos reconstrutivos de longo prazo, quando o crescimento é profundo ou cronicamente diminuído por experiências de não satisfação de necessidades básicas na infância ou por múltiplas crises na vida adulta.

É um processo assistencial a longo prazo, que procura alcançar mudanças fundamentais na personalidade do aconselhando, desvendando e tratando sentimentos ocultos, conflitos intrapsíquicos e memórias reprimidas dos primórdios da vida. O uso de métodos psicoterápicos por pastores destina-se a capacitar pessoas a alterar aspectos fundamentais de suas personalidades e de seus esquemas de comportamento para tornar estes mais criativos e construtivos. (CLINEBELL, 1987 p.32)

Hurding cita Thomas Szassa, posicionando-se contra a ideia de ser psicoterapia uma atividade médica, diz:

Psicoterapia é o nome que damos a um tipo específico de influência pessoal: fazendo uso da comunicação, uma pessoa, identificada como psicoterapeuta, exerce influência supostamente terapêutica sobre outra pessoa, identificada como paciente. Esse processo, claro, nada mais é que constituinte especial de uma classe muita mais ampla – aliás, uma classe tão imensa que praticamente todas as interações humanas nela se enquadram.(SZASSA apud HURDING, 1995 p. 31)

Sobre a psicologia pastoral Szentmártoni diz ser considerada uma recente subdivisão da teologia pastoral. Assim notamos dificuldades na fala do autor. Ele diz sobre a psicologia pastoral:

Consiste numa aplicação dos princípios psicológicos e da psicologia do profundo, dos métodos de psicodiagnóstico e de psicoterapia, bem como dos procedimentos experimentais de pesquisa e de interpretação à toda série de problemas referentes à prática e à teologia pastoral. A identidade da psicologia pastoral até hoje não foi definida de modo unívoco. (SZENTMÁRTONI, 2004, p.61)

Sobre o conceito de “psicoterapia assim diz Cordioli:

...a **psicoterapia** é um método de tratamento mediante o qual um profissional treinado, valendo-se de meios psicológicos, especialmente a comunicação verbal e a relação terapêutica, realiza, deliberadamente, uma variedade de intervenções, com o intuito de influenciar um cliente ou paciente, auxiliando-o a modificar problemas de natureza emocional, cognitiva e comportamental, já que ele o procurou com essa finalidade.

Existem alguns elementos comuns à psicoterapia:

A psicoterapia ocorre num contexto de uma relação de confiança emocionalmente carregada em relação ao terapeuta; A psicoterapia ocorre em um contexto terapêutico, no qual o paciente confia que o terapeuta irá ajudá-lo e acredita que este objetivo será alcançado; Existe um racional, um esquema conceitual (teoria) ou um mito que provê uma explicação plausível para o desconforto (sintoma ou problema) e um procedimento ou ritual para ajudar o paciente a resolvê-lo. (CORDIOLI, 2003, p.21)

### 2.1.3. Aconselhamento Noutético

Apesar da separação de tópicos “Aconselhamento Bíblico e Aconselhamento Noutético”, este se dá para melhor visualização do estudo, pois segundo Hurding (1995, p.330) citando Jay Adams conclui que o aconselhamento noutético é apenas outra forma de designar o aconselhamento bíblico.

No livro *Conselheiro Capaz* Jay Adams diz:

As escrituras muito têm que dizer a respeito desse assunto. Talvez o melhor ponto de partida seja uma discussão em torno do que chamo “confrontação noutética”. As palavras nouthesia e nouthetéo são as formas nominal e verbal neotestamentárias das quais se origina o termo “noutético”. (No grego clássico ocorre nouthétesis. A consideração da maior parte das passagens em que ocorrem essas formas levará indutivamente à compreensão do significado de nouthétesis. (ADAMS, 1993. P. 55)

Assim iremos induzir de acordo com os escritos abaixo o significado da palavra noutético. As teorias referentes ao Aconselhamento Bíblico poderiam ser de

uma visão muito boa se não fosse que os seus adeptos sejam um tanto restritos quanto as formas de abordagem integracionista. A visão seria o que se segue:

Este modelo de aconselhamento promovido pelo teólogo americano Jay Adams tem na Bíblia o único fundamento teórico, rechaçando qualquer tipo de contribuição científica como meio auxiliar, como a psicologia, valendo-se da graça de Deus para toda e qualquer solução, desde que haja arrependimento.

O aconselhamento "noutético" de Dr. Adams (de *noutheteo*, a palavra grega para "admoestar"). Esta é uma *abordagem diretiva* que em muitos aspectos é semelhante à terapia racional-emotiva de Ellis. Embora tenha sido criticado por muitas das suas conclusões, Adams nem por isto deixou de procurar edificar um sistema de aconselhamento que começa com a Escritura e é construído com base nela. Poucas outras pessoas foram tão corajosas ou criativas ao ponto de tentar semelhante tarefa. (COLLINS, 2005. p.158)

De acordo com Geraldo de Paiva (2004 p.311) este tipo aconselhamento foi fundado pelo pastor norte-americano Jay Edward Adams e consiste na técnica bíblica, tem grande penetração entre os pastores evangélicos brasileiros. Ele idealizou "um sistema que começa com a Escritura e é construído com base nela" (COLLINS, 1984 p.160). Esse método, o mais conhecido entre os cristãos evangélicos, defende a suficiência das Escrituras como ferramenta de trabalho dos que se dedicam ao ministério de aconselhamento na igreja. O nome *noutético* deriva do verbo grego *noutheteo*, às vezes traduzido na Bíblia por *consolar*. Essa linha de aconselhamento cristão apresenta três elementos básicos: 1) mudança de conduta e de personalidade; 2) confrontação verbal em relação interpessoal; 3) motivação pelo amor — para o bem do aconselhando e para a glória de Deus. Para Adams, a fundamentação do aconselhamento noutético está em 2 Timóteo 3.5-17, e, partindo de um amplo conhecimento das Escrituras, em Romanos 15.14 (NTLH): "Meus irmãos, estou certo de que vocês estão cheios de bondade, sabem tudo o que é preciso saber e são capazes de dar conselhos uns aos outros".

O conselheiro noutético procura o tempo todo conduzir o aconselhando à autodisciplina. No caso do não cristão, há o pré-aconselhamento. Caso não haja uma decisão do aconselhando no que diz respeito à salvação em Jesus Cristo, o tratamento é interrompido. A ênfase é comportamental, e não no sentimentalista.

#### 2.1.4 Aconselhamento Bíblico

Uma das metodologias de aconselhamento que é mais defendida por cristãos, tendo como foco central de aconselhamento a Bíblia, é o modelo do "Aconselhamento Bíblico" e é mais o debatido neste trabalho principalmente na tentativa de focar a visão dos seus adeptos. Hurding diz a respeito dele:

À medida que examinamos o aconselhamento "bíblico", encontramos um espectro de características que dependem, entre outras coisas, das ênfases dadas à revelação geral e à especial, que começa no aconselhamento noutético, de Jay Adams, e no aconselhamento espiritual, dos Bobgans, passando pelas diferentes versões do aconselhamento bíblico de Jim Craddock e Lawrence Crabb, e pelo aconselhamento cristão de Selwyn Hughes, chegando ao aconselhamento pelo discipulado, de Gary Collins e Gary Sweeten. (HURDING, 1995, p.316).

Falaremos de algumas das metodologias defendidas por cristãos, a partir da perspectiva do *foco central* do aconselhamento em Integracionismo, ou seja, a *Bíblia*, o relacionamento entre conselheiro e cliente, a exploração interior e a experiência.

Como explica Hurding, sobre o "o aconselhamento bíblico", deseja-se estudar e dar ênfase nas metodologias com base escriturística, (HURDING, 1995 p.148). A principal sistematização desses enfoques "bíblicos" desenvolveu-se nos Estados Unidos, especificamente a partir do final da década de sessenta, em parte como uma reação à influência secularizante das psicoterapias, e em parte como uma tentativa de encontrar certo grau de integração entre a psicologia e a teologia conservadora. Sobre a integração diz Wash:

[...] espiritualidade pode ser definida como aquilo que envolve a pessoa com tudo o que existe. Pode incluir experiências divinas, que são sagradas ou místicas. A espiritualidade pode ser experimentada dentro e fora das entidades religiosas formais. A congruência entre crenças e práticas religiosas e espirituais produz uma sensação geral de bem-estar e inteireza. (WALSH, 2009,p.67).

Mas o que acontece na prática é um pouco diferente. As definições de seus defensores contemporâneos estão expressas nas palavras que vão se seguir, assim no modo de estudar o Aconselhamento Bíblico propomos a linguagem de uma pessoa que defende esta linha. O aconselhamento bíblico é como um híbrido de discipulado como amizade bíblica, e nenhum dos dois pode ser confundido com um

“modismo passageiro”. Pelo contrário, o aconselhamento bíblico é tão antigo quanto à história do homem e continuará real ao longo das gerações futuras. Na linguagem mais religiosa diz-se que o aconselhamento bíblico teve início com Deus falando ao Seu povo; mais tarde, firmou-se por meio dos reis, profetas, sacerdotes e apóstolos à medida que aplicam a mensagem de Deus a situações específicas. Ao longo da história, o aconselhamento bíblico tem sido praticado por pastores, amigos, irmãos e pais sábios. Ele tem continuidade em nossos dias com homens e mulheres que, tendo estudado o que Deus diz em Sua Palavra, recebem conselhos bíblicos e também os oferecem a outros. Quanto a isso porém diz Collins :

Não é uma atitude realista esperar que chegaremos um dia a uma só abordagem bíblica ao aconselhamento, assim como não descobrimos uma só abordagem bíblica às missões, à evangelização, ou à pregação. Em grande medida, as técnicas do aconselhamento dependem da personalidade do conselheiro e da natureza dos problemas do aconselhando, mas devemos procurar descobrir as várias técnicas e as diferentes abordagens ao aconselhamento que surgem dos ensinamentos da Escritura ou que são claramente consistentes com ela. (COLLINS, 2005, p.21)

O seu conteúdo é radicalmente defendido da seguinte forma: O aconselhamento bíblico está fundamentado sobre um princípio simples e duradouro: *O Deus trino tem-nos falado por meio das Escrituras. Além disso, por meio da história, doutrina, mandamento da lei, poesias e canções da Bíblia, Deus tem-nos revelado tudo quanto NECESSITAMOS saber sobre Ele, nós mesmos e o mundo ao nosso redor (2 Pe 1.3).*

Esta promessa fundamentada – “Deus tem falado” – tem feito parte da confissão de fé da igreja ao longo do tempo. Até aqui, todos concordam sem hesitar. No entanto, algumas expressões de surpresa talvez se estampam nos rostos diante da frase “tudo quanto necessitamos”. Entendem que a Bíblia fala sobre muitas coisas importantes, mas há situações complexas da vida para as quais gostaríamos de uma orientação mais específica, uma informação extra ou técnicas de aconselhamento mais atuais. Mas a realidade é que temos acesso a tudo quanto Jesus teve acesso: “...tudo o quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer.” (Jô 15.15). Deus não retém de nós nenhum conhecimento. Podemos conhecer aquilo que o Pai deu a conhecer a Jesus.

“Conselheiro bíblico”, porém, não é essencialmente uma ocupação profissional. Pastores e conselheiros bíblicos, profissionais, ou aqueles que

possuem um treinamento especial e experiência em aplicar as Escrituras à vida, talvez tenham sido equipados por Deus de maneira singular para ajudar na solução de determinados problemas. Todavia, não são eles que satisfazem a maioria das necessidades de aconselhamento da igreja.

O aconselhamento bíblico identifica-se mais com uma atmosfera familiar do que com a atmosfera árida de um consultório médico. Estes relacionamentos amorosos e familiares, quando em parceria com o conteúdo das Escrituras, devem facilitar a tarefa de fazer distinção entre o aconselhamento bíblico e aquilo que o mundo chama de aconselhamento.

O psicólogo americano Lawrence Crabb mostra a “autoridade das Escrituras e a e suficiência de Cristo”. Hurding (1995 p. 38) citando Crabb diz que as pessoas necessitam tanto de sentido para a vida como de valor e segurança e essas duas necessidades podem ser plenamente satisfeitas pelo Senhor Jesus Cristo. Ele desenvolveu um sistema de aconselhamento voltado para as necessidades inconscientes que dão impulso ao comportamento humano. Entende a neurose como uma consequência da fuga do indivíduo do problema para a segurança dos sintomas. Segundo Crabb, a igreja é o melhor local para o aconselhamento bíblico e envolve estímulo, exortação e esclarecimento. O conselheiro deve identificar os sentimentos, comportamentos e pensamentos problemáticos. E o aconselhando deve se converter tendo uma vida baseada na Bíblia, controlado pelo Espírito Santo. Hurding (1995 p. 38) cita Lawrence Crabb afirmando que a sua linha de aconselhamento seja essencialmente bíblica, mas o modelo por ele proposto está impregnado de psicologia freudiana e humanista. A própria manipulação do inconsciente no seu aconselhamento levando a pessoa a sentir a “segurança” e o “valor” em Cristo mostra que na prática ele usa a psicologia secular de uma forma muito forte. E isso deveria levar os pastores a refletir na utilidade dessas ferramentas.

### **2.1.5 Aconselhamento Espiritual**

O caso do aconselhamento espiritual basea-se em técnicas, e ainda envolve muito da visão e experiência da comunidade. O autor do livro “*Aconselhamento Espiritual*”, Bert Hellinger, diz:

Quando dizemos creio na experiência da comunidade” isto não significa conformidade ou sujeição coletiva a uma doutrina religiosa. Nada tem haver com a uniformidade de opinião e de expressão característica das organizações totalitárias. Pois a fé recusa qualquer pressão externa, e a comunidade se caracteriza justamente pelo fato de que seus membros não se limitam mutuamente em sua integridade pessoal, mas a reconhecem e a promovem. (BERT HELLINGER, 2005, p. 18)

Dieter Joel Jagnow citando Martin e Deidre Bobgan (1979, p.31) diz: “uma grande limitação das terapias seculares é que raramente ou nunca lidam com a esfera espiritual do ser humano”. Quanto a isso explica Roger Hurding:

Martin Bobgan, psicopedagogo, e sua esposa, Deidre Bobgan, são diretores do “Ministério de Aconselhamento”, sediado em Santa Bárbara, na Califórnia que escreveram “O caminho psicológico/O caminho espiritual”, oferece um notável argumento de que “existe um caminho psicológico e um caminho espiritual para a saúde mental-emocional”, sendo o fundamento e a eficácia do primeiro falhos em comparação com as premissas sólidas e o poder transformador do segundo. (HURDING, 1995, p.333)

Hurding (1995, p. 333) mostra que para Martin Bobgan existe um caminho psicológico e um caminho espiritual para a saúde mental-emocional, sendo o caminho espiritual mais sólido e transformador do que o psicológico.

Para o mentor desta linha de aconselhamento a psicoterapia é uma armadilha que destrói a confiança, a confissão, e as convicções de alguém no cristianismo. Criticam qualquer tipo de integracionismo e também o psicoterapeuta cristão por acreditar na combinação do “caminho espiritual” e o caminho psicológico”.

Os conselheiros “espirituais” devem levar os incrédulos à nova vida de relacionamento com Deus e ministrar a natureza espiritual dos cristãos. O objetivo principal é conduzir os necessitados “da vida centrada no eu” para uma “vida centrada em Deus”.

Os conselheiros espirituais são pastores ou leigos que centralizem seu aconselhamento em Jesus e cujo principal livro de referencia é a Bíblia.

### **2.1.6 Aconselhamento por Meio do Discipulado**

O aconselhamento de discipulado é praticado por terapeutas como Gary Collins e Gary Sweeten. Segundo Hurding:

Tanto Collins quanto Sweeten defendem um enfoque de “integração” diante da teologia e da psicologia [...], Gary Sweeten foi desafiado ao ouvir Mower dizer que “a igreja primitiva foi a mais poderosa comunidade terapêutica que já existiu”. (HURDING, 1995, p. 345)

No Novo Testamento, "discípulo", significa aquele que aprende. Em Atos 11. 25 e 26 está escrito:

E partiu Barnabé para Tarso à procura de Saulo; tendo-o encontrado, levou-o para Antioquia. E, por todo um ano, se reuniram naquela igreja e ensinaram numerosa multidão. Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos. (Bíblia Sagrada)

Os crentes que receberam instrução sistemática dos princípios da nova doutrina ensinada por Jesus Cristo, foram identificados como discípulos, e também chamados de cristãos. A palavra “Discípulo” traz a idéia de um aluno que apreende, se apropria, e adota conhecimento e conduta, de forma voluntária e determinada. Assim, o discipulado cristão significa, essencialmente, seguir Jesus, no sentido mais abrangente.

Hurding mostra que a tese de Mower foi acolhida por Sweeten:

Em vez de rejeitar o cristianismo bíblico como ferramenta de aconselhamento, precisamos aprender melhor nossas tradições e traduzi-las em cuidado pastoral [...] e aconselhamento pastoral cabíveis. Essas redescoberta, eu a chamo “aconselhamento pelo discipulado”. (SWEETEN apud HURDING, 1995, p. 345)

O texto de definição para compreender a essência e o objetivo do discipulado na Bíblia é Mateus 16: 24-25: "Então, Jesus disse aos seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida vai perdê-la-a. Mas quem perder a sua vida por minha causa a encontrará "O caminho do discipulado é o caminho da auto-negação. É o caminho da submissão implacável, obediência, e lealdade. Da mesma forma, o objetivo do Aconselhamento Bíblico deve ser prático e experiencial.

O aconselhamento pelo discipulado tem por objetivo o treinamento das pessoas para serem agentes eficazes no crescimento de crentes rumo à integridade em Cristo. É aprender a trabalhar em cooperação com o Espírito Santo no processo de santificação. Por essa razão devemos aprender a combinar Discipulado com Aconselhamento. ”. (SWEETEN apud HURDING, 1995, p. 346)



HURDING, (1995, p. 346) diz que o discipulado é uma resposta a ordem de Jesus à grande comissão, pois essa determinação abrange crescimento numérico mediante a evangelização, crescimentos de membros de Igreja na maturidade cristã, crescimento na eficácia do corpo de Cristo, e crescimento do impacto na comunidade e em suas várias necessidades.

No aconselhamento de discipulado o primeiro alvo é treinar os pastores e outros líderes para que sejam capazes de aconselhar seu rebanho.

### **2.1.7 Aconselhamento Interativo**

Os conselheiros, como percebemos anteriormente são diversos. Hurding, diz que os terapeutas cristãos incluem uma gama de profissionais de formação evangélica, liberal e católica. Alguns são integracionistas, procurando misturar uma teologia bíblica com a compreensão psicológica. Outros parecem ser “compartimentados”, fazendo separação entre seus escritos sobre a terapia e as considerações cristãs, outros são ecléticos. Hurding diz:

Neste amplo grupo estão pessoas diversas quanto Gary Collins, Paul Tornier, Seward Hiltner, Wayne Oates, Howard Clinebell, Tom Oden, e na ala católica, Jack Dominian, Gerard Egan, Eugene Kennedy, Henri Nouwen e John Powell. Minha proposta é nos concentrarmos em Howard Clinebell e Paul Tournier por serem os representantes mais significativos desse segmento tão abrangente. (HURDING, 1995, p. 352):

Howard Clinebell, um ministro cujos livros sobre o aconselhamento de alcoólicos, divorciados e outros pioneiros na abordagem que a psicoterapia combinada e religião.

Clinebell, um ministro da Igreja Metodista Unida e professor de aconselhamento pastoral na Faculdade de Teologia de Claremont, morreu 13 abril de complicações da doença de Parkinson, tem sido um dos principais defensores no cuidado pastoral e movimento aconselhamento de se concentrar no potencial humano, ao invés de se concentrar nas mazelas. Em sua carreira de escritor extensa enfatizou os principais conceitos e dimensões teológicas da realização humana de destaque na prática de aconselhamento de crescimento:

- Potencializando – mostra que a criatividade humana, as conexões de espiritualidade, e de inteligência e relacional podem ser desenvolvidas e aprimoradas para uma experiência de transformação da vida.

- Esperança – mostra que a mudança criativa e coragem está centrada na esperança realista, por ver e perseguir os sinais e promessas de vida nova no aqui e agora.
- Intencionalidade - que há liberdade na escolha de uma direção de vida
- Solidáriedade - que o crescimento perseguido por si só é auto-destrutivo e é bom quando promove o bem-estar dos outros e do bem comum.
- Bloqueador- que o pecado e o mal são subversões ou distorções de potencialidades humanas, e não somente evidências de uma condição inerente da raça humana.

Segundo Hurding 1995 p. 353 Clinebell é um integracionista, procurando juntar recursos oriundos das “ciências psicossociais e da psicoterapia” e de “nossa herança teológica” [...] é eclético, reportando-se “as idéias pessoalistas e transcendentais.

Ainda Hurding diz sobre Clinebell :

Os objetivos do aconselhamento de crescimento postulado por Clinebell são descritos sob o aspecto de crescimento, libertação e integridade. Esses alvos, que se sobrepõem, são perseguidos pessoal, relacional e institucionalmente. (CLINEBELL apud, HURDING 1995, p. 355)

### **2.1.8 Aconselhamento pela Cura Interior**

Agnes Sanford, Anne White, Catherine Marshall e Kenneth McAll, são nomes dos mentores da conhecida cura das memórias ou cura da árvore genealógica (quebra de maldições). Hurding diz:

A cura interior, a cura das memórias, a terapia da imaginação pela fé e o aconselhamento pela oração são métodos que, de um modo ou de outro, procuram trazer o poder do Senhor ressuscitado para curar e transformar as feridas ocultas do passado e suas influências perniciosas no presente. (HURDING, 2005 p. 416)

O aumento atual deste interesse representa um renascimento de um ministério antigo, mas há muito tempo negligenciado, o ministério da Cura Interior. A "cura espiritual" parece sugerir que alguma cura não é espiritual. Desde que toda a cura envolve a liberação dentro de uma pessoa, Deus lhe deu forças de crescimento, toda cura é cura espiritual. Na verdade, o que o termo geralmente

descreve abordagens para a cura e faz uso primário de formas religiosas tradicionais e instrumentos tais como a oração, a comunhão, a imposição das mãos (Marcos 16:18), e unção com óleo (Tiago 5:13-16).

Tanto a cura espiritual e as abordagens de aconselhamento pastoral são úteis no programa de uma igreja local. Ambos têm o mesmo objetivo - a restauração de pessoas a uma maior plenitude. O perigo físico na ênfase da cura espiritual é que ele vai encorajar as pessoas a adiar ou negligenciar os recursos da medicina. É claro, que mesmo essa pede o uso de todos os canais de cura de Deus, incluindo a gama de recursos médicos, ou seja, aquilo que estamos encorajando durante toda a pesquisa: o encaminhamento profissional.

Psicologicamente, a cura espiritual pode aumentar a dependência no líder e incentivar a expectativa de cura do lado de fora não envolvendo luta com problemas internos. Teologicamente, esta abordagem pode levar as pessoas a sentir que estão manipulando as forças divinas para seu próprio fim, de uma forma mágica. Se uma pessoa é levado a acreditar que a fé é suficiente para curar qualquer condição, a falha em ser curado seria culpa da sua falta de fé, devem haver esforços para combater esses perigos.

A ênfase cura espiritual, particularmente nos seus aspectos sacerdotais, pode ajudar um conselheiro pastoral manter uma consciência robusta da dimensão vertical em todas as relações, incluindo as relações de aconselhamento. Há infinitamente mais que não sabemos do que nós sabemos sobre o espírito humano e sua relação com o Espírito de Deus, quais sejam os caminhos de cura ordenados pela fé. Hurding citando Ruth Stapleton explica:

A cura interior é um processo de reconstrução emocional experimentada sob a orientação do Espírito Santo e acrescenta que não há nenhuma tentativa de suplantar a psiquiatria ou subestimar a sabedoria da psicologia secular. (RUTH CARTER STAPLETON apud HURDING, 1995 p. 416)

Mas neste aconselhamento é necessário o crescer de uma pessoa em sua responsabilidade, maturidade, pois este crescimento de sua própria vida interior pode ajudar a neutralizar qualquer tendência de fixação na cura espiritual ou de transferir a responsabilidades humanas a Deus. Treinamento em aconselhamento pode ajudar um ministro usar sua autoridade de forma construtiva para cura. Assim, métodos de cura de aconselhamento e espiritual são instrumentos complementares para aumentar a integridade das pessoas.

## 2.2 PSICOLOGIA BEHAVIORISTA

De acordo com John Watson, a psicologia deveria ser a ciência do comportamento observável. "A psicologia como o behaviorista a vê é um ramo puramente objetivo experimental da ciência natural. Seu objetivo teórico é a predição e o controle do comportamento.

Em seu experimento mais famoso e controverso, conhecido hoje como o "Pequeno Albert" John Watson havia condicionado uma criança pequena a temer um rato branco. Eles realizaram esta experiência repetidamente aparelhando um rato branco com um alto ruído estridente, assustador. Eles também foram capazes de demonstrar que esse medo poderia ser generalizado para outros objetos brancos, peludos. A ética do experimento são muitas vezes criticados hoje.

Em 2009, os pesquisadores foram capazes de identificar Albert descobrindo que a criança morreu aos seis anos de hidrocefalia, uma condição médica na qual o fluido se acumula no interior do crânio.

Pesquisadores apresentaram evidências de que Albert sofria de deficiências neurológicas no momento do experimento e que Watson pode ter mentido deliberadamente sobre o garoto classificando-o como "saudável" e criança "normal".

Watson redefiniu o cenário da época para o behaviorismo, que logo passou a dominar a psicologia. Quando o behaviorismo começou a perder seu domínio depois de 1950, muitos dos conceitos e princípios ainda foram usados e alguns são amplamente usados hoje. Condicionamento e modificação de comportamento ainda são utilizados na terapia e treinamento comportamental para ajudar os clientes a mudar comportamentos problemáticos e desenvolverem novas habilidades.

Hurding (1995 p. 53-59) mostra que é verificar existência de uma das "vizinhas" da árvore do cuidado pastoral. John B. Watson, tem como base a observação do comportamento das pessoas, demonstrado naquilo que elas fazem ou dizem; seguido por Frederic Skinner, que realizou sua experiências e afirmava que o "comportamento é essencialmente fruto de um condicionamento operante". Tem por suas raízes o *funcionalismo*, o *instrumentalismo* e o *associacionismo*.

Sobre Skinner, relata Hurding:

Foi designado por Anthony Storr, no jornal *Sunday Times*, “o psicólogo experimental mais influente de nossa época” [...] Skinner passou a afirmar que todo comportamento é essencialmente fruto de um condicionamento operante: “Quando algum detalhe de comportamento é seguido de certo tipo de consequência, ele tem maior probabilidade de tornar a ocorrer, e a consequência com esse efeito é chamada reforço”. (Hurding, 1995, p.60)

Esta linha embora se distancie pelo aspecto reducionista, o uso de algumas de suas práticas permitem um certo “relacionamento” com a aconselhamento e com o cuidado pastoral.

### 2.2.1 A GESTALT- TERAPIA

Segundo Hurding (1995, p. 231-233) A psicologia da Gestal-terapia tem origem no pensamento de fenomenólogos da Europa Ocidental como Heidegger e Husserl, que desenvolveram uma “ciência da experiência”. Hurding explica:

A Gestalt-terapia busca, então, manter uma perspectiva holística diante das pessoas, abordagem essa que “afirma a complexidade das pessoas e dos acontecimentos” e inclui todas as dimensões pertinentes. Ao mesmo tempo, afirma-se que esse holismo é não apenas abrangente, mas dinâmico: “A natureza da realidade – da vida, da humanidade e do mundo – pode ser, muito proveitosamente, analisada sob o aspecto de um processo contínuo de mudança constante”. (HURDING, 1995, p.233)

A Gestalt-terapia teve como pioneiros Frederick (Fritz) e Laura Perls. Este afirmava que “nossos aspectos obscuros e pontos rígidos estão, de certo modo, ao alcance da consciência, e não totalmente enterrados num “inconsciente inacessível”, no que rejeitou alguns princípios básicos do freudismo clássico (em que havia se formado). Assim expôs suas pressuposições sobre a condição humana: *holismo*, “cada pessoa é uma complexa disposição de relacionamentos figura-fundo. A Gestalt-terapia busca manter uma perspectiva holística diante das pessoas, onde afirma a complexidade das pessoas e dos acontecimentos e inclui todas as dimensões pertinentes; quando há *fragmentação*, na experiência do indivíduo ocorre uma perda de distinção entre figura e fundo.

A Gestalt-terapia objetiva o “funcionamento unitário do homem como um todo”. Afirma um estado de fragmentação do homem onde perdeu sua “totalidade” e “integridade” e para voltar a “reestruturar”, ele tem de curar o dualismo de sua

pessoa, de seu pensar e de sua linguagem.

O grande enfoque da Gestalt-terapia no que diz respeito ao seu método é no “aqui e agora”. Um estilo de terapia experimental que enxerga a necessidade de “experimentação criativa”, em lugar de técnicas estabelecidas. São quatro os passos no processo de ajuda: *expressão*, o cliente é incentivado a expressar-se o mais claramente possível, tomando conta de tudo o que se relaciona a ele; *diferenciação*, após o início da expressão o cliente é ajudado a diferenciar entre as partes do seu conflito interior; *afirmação*, o cliente é instado a se identificar com “todas as partes” que estão aflorando à consciência. Neste passo o cliente poderá exprimir plenamente as emoções reprimidas; *escolha e integração*, a afirmação inclui o despertar de uma percepção de responsabilidade para com sua maneira de sentir. O cliente é incentivado a fazer escolhas cabíveis diante dos insights obtidos.

Para Perls, a *natureza humana* é autônoma onde “a lei básica da vida é a autopreservação e o crescimento”; e na *natureza da realidade* a vida humana só faz sentido se vivida com base no subjetivismo extremo e rejeita a existência dos absolutos.

## 2.2.2 PSICANÁLISE

Sigmund Freud, médico, foi um eminente neurologista e psiquiatra. Freud é, sem dúvida, um dos pensadores críticos que mais influenciaram o pensamento de seu século. Sigmund Freud, é o pai da psicanálise, uma abordagem muito famosa para o tratamento de neuroses por análise psicológica, que ele definiu não só como um método de investigação dos processos mentais, bem como um método terapêutico, e também uma teoria do funcionamento psíquico.

Sigmund Freud (1856-1939) nasceu na cidade de Freiberg, na Morávia, parte central da região hoje chamada Eslováquia. Era filho mais velho do segundo casamento de seu pai, e, por ter nascido, e, por ter nascido com um pedaço de âmnio na cabeça, os supersticiosos da época afirmavam que estava destinado à felicidade e à fama. (HURDING, 1995, p.70)

Sobre a Religião, Freud acreditava que era uma expressão de subjacentes neuroses psicológicas e angústias. Em vários pontos em seus escritos, ele sugeriu que a religião era uma tentativa de controlar o complexo de Édipo, um meio de dar

estrutura para os grupos sociais, realização de desejo, uma ilusão infantil, e uma tentativa de controlar o mundo exterior. A religião é uma ilusão e deriva sua força do fato que ela cai nas mãos de nossos desejos instintivos. Hurding comenta:

Em o *Totem e o taboo*, Freud havia sustentado que o anseio por um pai encontra-se na essência da necessidade que sente o homem de ter uma religião. Em consequência desse desejo atávico, a humanidade inventou Deus como o “Pai exaltado” para dar proteção contra a adversidade e contra o desconhecido. (HURDING, 1995, p.81)

Quanto a isso vejamos uma das afirmativas de Freud transcrita de o “Totem e o taboo”:

A psicanálise dos seres humanos de per si, contudo, ensina-nos com insistência muito especial que o deus de cada um deles é formado à semelhança do pai, que a relação pessoal com Deus depende da relação com o pai em carne e osso e oscila e se modifica de acordo com essa relação e que, no fundo, Deus nada mais é que um pai glorificado. (FREUD, 1950, p. 105)

Segundo (Hurding 1995 p. 69-62) surge a psicanálise com as teorias e práticas de Sigmund Freud, suas raízes alcançam a psicologia metafísica, com Joann Friedrich Herbart que entendia a atenção da mente “como uma contínua busca por fundir linhas de pensamento num todo coerente. As idéias de Freud se solidificaram sobre o darwinismo e do método científico empírico, sendo influenciadas também com o surgimento da sexologia como ciência. Ele executava testes relacionados a uma teoria criada e, com base em seus resultados, via se esta se confirmava. Cria que as experiências passadas poderiam ser lembradas mediante a hipnose. Analisava os diversos estágios do desenvolvimento humano, e desenvolvendo teorias em relação à personalidade.

Em relação a Deus ela afirmava que se tratava de uma invenção da humanidade de um “Deus Pai exaltado pra proteção contra a adversidade e contra o desconhecido”. E, quanto que a religião é: “a neurose obsessiva universal da humanidade”. Sobre o cristianismo Freud tem uma frase interessante:

O judaísmo fora uma religião do pai; o cristianismo tornou-se uma religião do filho. O antigo Deus Pai tombou para trás de Cristo; Cristo, o Filho, tomou seu lugar, tal como todo filho tivera esperanças de fazê-lo, nos tempos primevos. Paulo, que conduziu o judaísmo à frente, também o destruiu. Fora de dúvida, ele deveu seu sucesso, no primeiro caso, ao fato de, através da idéia do redentor, exorcizar o sentimento de culpa da

humanidade, mas deveu-o também à circunstância de ter abandonado o caráter 'escolhido' de seu povo e seu sinal visível - a circuncisão -, de maneira que a nova religião podia ser uma religião universal, a abranger todos os homens. (Freud, 1939, p.55)

Hurding, (1995, 126-169) descreve explicações dos métodos e formas da prática da psicanálise e faz uma avaliação crítica do freudismo, assumindo a verdade de que, ao longo dos anos, Freud foi alvo de muitas críticas e até inimigos, mas também a inspiração de discípulos assim como o crédito que lhe é devido por todo o conhecimento a respeito da complexidade do ser humano no que diz respeito à psicologia.

Já é comprovado cientificamente que as crenças espirituais sadias oferecem capacidade para orientar a vida. Freud reconhece que a religião, vem para preencher uma necessidade crítica de dependência e de apoio, e é contra a insegurança da vida. O rompimento com a religião traz um aumento significativo da neurose. Nem todo mundo é igualmente capaz de ser ateu. A religião, é importante a contra a neurose então se ao considerar a religião uma neurose, talvez seja uma neurose necessária.

### 2.2.3 PSICOLOGIA ANALÍTICA

Carl Gustav Jung (1875-1961) foi um psicólogo e psiquiatra suíço que fundou a psicologia analítica. Jung propôs e desenvolveu os conceitos do extrovertido e da personalidade introvertida, arquétipos e do inconsciente coletivo. Seu trabalho tem sido influente na psiquiatria e no estudo da religião, literatura e áreas afins.

Antes de falar da religião, devo explicar o que entendo por este termo. Religião é — como diz o vocábulo latino *religere* — uma *acurada e conscienciosa observação* daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de "numinoso", isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador. Qualquer que seja a sua causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade. De qualquer modo, tal como o *consensus gentium*, a doutrina religiosa mostra-nos invariavelmente e em toda a parte que esta condição deve estar ligada a uma causa externa ao indivíduo. O numinoso pode ser a propriedade de um objeto visível, ou o influxo de uma presença invisível, que produzem uma modificação especial na consciência. Tal é, pelo menos, a regra universal. (JUNG, 1978, p.9)



Individuação é o conceito central da psicologia analítica. Jung considerou individuação, o processo psicológico de integrar os opostos, incluindo o consciente com o inconsciente, mantendo sua autonomia relativa, a ser o processo central do desenvolvimento humano.

Jung criou alguns dos mais conhecidos conceitos psicológicos, incluindo o arquétipo, o inconsciente coletivo, o complexo, e sincronicidade. Ele viu a psique humana como "de natureza religiosa", e fez esta religiosidade o foco de suas explorações. Jung é um dos mais conhecidos contribuintes contemporâneos para análise de sonhos e simbolização.

Abrindo um parêntese, Freud também considerava os sonhos, e pastores também devem considerar afinal eles estão em toda bíblia. Assim diz Yalom:

Considero essa desatenção aos sonhos uma grande lástima e uma enorme perda para os pacientes de amanhã. Os sonhos podem oferecer uma ajuda inestimável numa terapia eficaz. Representam uma reformulação incisiva dos problemas mais profundos do paciente, embora numa linguagem diferente — uma linguagem de imaginário visual. Terapeutas com grande experiência sempre confiaram em sonhos. Freud considerava-os "a estrada real para o inconsciente". (YALOM, 2006, p.217)

Muito do trabalho de sua vida foi estudar outras áreas fora da psiquiatria, incluindo filosofia oriental e ocidental, a alquimia, astrologia e sociologia, bem como a literatura e as artes. Estes interesses levaram muitos a vê-lo como um místico. Ao contrário de Sigmund Freud e seus seguidores, os junguianos tendem a tratar as crenças religiosas e os comportamentos de uma forma positiva, oferecendo referências psicológicas para termos tradicionais religiosos como "alma", "mal", "transcendência", "sagrado", e "Deus".

Hurding, 1995, (p.98-124) vai mostrar como surgem as primeiras resistências às afirmações de definidos por Freud como Alfred Adler que, em contraste à grande priorização da sexualidade, acreditava na importância de uma pulsão agressiva inata (o protesto masculino) que impede uma pessoa de agir de uma forma satisfatória, expressando o complexo de inferioridade; e Carl Gustav Jung que voltou sua atenção para as profundezas quase desconhecidas do inconsciente. Ainda mostra o surgimento e postura da filha de Freud, Anna Freud, suas afirmações e posteriores choques com Melaine Klein a cerca do desenvolvimento da personalidade da criança.

Hurding também discorre sobre dos ramos de desdobramentos da psicanálise que tem exercido maior influência: os psicanalistas que se especializaram no estudo de certas culturas e os neofreudianos – encara as relações interpessoais como a chave para a interpretação da natureza humana - (mais especificamente em Erik Erikson, Erich Fromm e Karen Horey) e são feitas abrangências sobre os objetivos, métodos, a teoria e a prática da psicanálise. Ele diz sobre o final do seu estudo:

Chegamos ao fim de nossa visão panorâmica da árvore da psicanálise desde as raízes no terreno da biologia evolutiva e da psicologia metafísica até a ascensão, centrada na figura resoluta de Sigmund Freud, passando por seus múltiplos galhos, procedentes do tronco principal do freudismo nas dissensões de Adler, Jung, Rank e Reich [...] com o tronco não muito longe da árvore do behaviorismo, com a qual tem em comum o terreno das ciências empíricas; contudo, alguns de seus ramos abrem-se brotando do galho da “psicanálise humanista” e da obra de Erich Fromm. (HURDING, 1995, p.124)

#### 2.2.4 A ANÁLISE TRANSACIONAL

Hurding (1995, p.219-224) fala da análise transacional idealizada por Eric Berne, sendo esta uma das abordagens que mais atraiu a atenção pública. Segundo seu idealizador, tem dois pressupostos: *os estados do ego*, “um sistema de sentimentos que motiva um conjunto de padrões de comportamentos relacionados” e divide-se em três categorias: o Pai, o Adulto e a Criança (em duas formas, Criança adaptada e Criança natural). Em seus levantamentos trabalhando junto com Thomas Harris, Berne descreve quatro posturas existenciais de pacientes: EU NÃO SOU OK – VOCÊ É OK, EU NÃO SOU OK – VOCÊ NÃO É OK, EU SOU OK – VOCÊ NÃO É OK, EU SOU OK – VOCÊ É OK.

As interações - segundo Berne, a “unidade de intercurso social” onde, em qualquer contato entre dois indivíduos, ocorrem iterações entre seus estados de ego. E estas podem ser: *interações complementares e interações cruzadas*.

A análise transacional tem como objetivo levar o paciente a alcançar uma vida “livre de scripts”. Em seu método é precedida pela análise estrutural, que busca esclarecer os papéis variáveis dos estados do ego do paciente.

Os estados do ego também são passíveis de uma descrição histórica. Um conceito-chave na visão da AT acerca do desenvolvimento humano é que cada um de nós tem um plano de vida, ou script, que se forma a partir de

diretrizes vindas dos pais e de uma decisão de infância sobre como irá viver e morrer. [...] de modo genérico, existem apenas dois tipos de pessoas: os “vencedores” e os “perdedores” [...] o script de um vencedor poderá dizer: “Sempre existe outra oportunidade na vida”; o de um perdedor poderá afirmar: “As coisas nunca dão certo para mim”. (HURDING, 1995, p. 220)

Assim esta terapia se baseia na descoberta de soluções para os comportamentos adaptativos. O cliente e o terapeuta trabalhar em conjunto de forma respeitosa para a implementação de várias técnicas terapêuticas que ajudarão o cliente a alcançar seu resultado desejado. O foco principal da análise transacional é capacitar pessoas com a capacidade de atingir bem-estar psicológico.

## 2.2.5 PSICOLOGIA TRANSPESSOAL

O psicólogo americano Abraham Maslow, é personagem de ligação ente a psicologia humanista e o pessoalismo.

Hurding (1995 p. 172-180) mostra que em se tratando de psicologias transpessoais refere-se a um sortimento complicado e heterogêneo de influências e desdobramentos. Abraham Maslow, um psicólogo americano forma uma ponte entre a psicologia humanista e o transpessoalismo. Afirmava que os homens e as mulheres poderiam alcançar, mediante esforço racional, um nível de realização pessoal a que chamou auto-atualização. Dez anos mais tarde muda sua visão ao fazer um reconhecimento tanto da realidade do mal quanto da necessidade que a humanidade tem de descobrir algo maior que nós. Divide sua visão humana em duas psicologias: *Auto-avaliação*: onde afirma a existência em todos os seres humanos de uma hierarquia de necessidades básicas, começando pelas carências “inferiores” - comida, bebida, sono – passando por requisitos como o sentimento de ser aceito, a amizade e auto-estima e chegando a necessidades “superiores” de realização pessoal, um sistema coerente de valores e uma dimensão estética da vida; e o *crescimento* que indica tanto o impulso inercial quanto o rumo do processo de auto-avaliação; é um sinônimo de idéias como “individuação, autonomia, auto-atualização, autodesenvolvimento, produtividade, auto-realização”.

Roberto Assagioli destaca-se pelo desenvolvimento de uma psicologia transpessoal altamente sistematizada com base em raízes existenciais e psicanalíticas. Segundo ele a personalidade humana pode ser entendida pelo estudo

de suas partes: *o inconsciente profundo, o inconsciente médio, o superconsciente, o campo da consciência, o eu consciente, o Eu superior e Inconsciente coletivo*. Sua metodologia é caracterizada pelas fases: *conhecimento da própria personalidade*, “a ampla exploração das castas regiões do inconsciente”; *o controle da personalidade*, “temos que tomar posse dos elementos criativos internos e obter seu controle”; *a descoberta do eu verdadeiro*, “crescimento natural interior”; psicossíntese, “nova personalidade”, praticada através de duas técnicas: *o diálogo interno* e a *musicoterapia*; Esta se divide, segundo Assagioli em três estágios, a saber: *a psicossíntese espiritual, a psicossíntese interindividual e a psicossíntese cósmica*.

Como mais destacado escritor sobre a consciência e a psicologia transpessoal do mundo, Ken Wilber tem a tese de que “a variedade de alienações que experimentamos deve-se às fronteiras que estabelecemos”. Segundo ele, nossas preocupações com essas “fronteiras” que estabelecemos e com os opostos que elas criam é a fonte de nossos conflitos e nossa infelicidade. Objetiva a restauração da “consciência da unidade” (simples conhecimento do território real sem fronteiras), mediante a eliminação dessas fronteiras. Nessa busca Wilber inclui ampla variedade de técnicas em sua metodologia: *nível de persona*, a maioria das pessoas carentes está “presa na persona”, onde são traçadas as fronteiras interiores; *o nível do ego*, onde o terapeuta procura ajudar o indivíduo a enxergar o elo entre a sombra e certos sintomas inaceitáveis; *nível do organismo total*, procura a integração do corpo e do ego (denominado “nível de Centauro” onde seu objetivo é que o paciente consiga corporificar a mente e mentalizar o corpo); *o eu em transcendência*, a pessoas livres para ir além do seu “eu consciente”; *consciência de unidade*, “consciência simples do território real sem fronteiras”.

O transpessoalismo participa das raízes árvore do cuidado pastoral mediante seus vínculos com o misticismo cristão, o que força seu próprio crescimento em direção ao céu.

Vemos então que a Psicologia Transpessoal é interessada em explorar bem-estar extremo. Maslow articulou esses conceitos-chave como "auto-realização" (desenvolvimento de nossas capacidades) de Psicologia Humanista, e depois ultrapassou-o com o seu ideal na Psicologia Transpessoal de "auto-transcendência" (despertar espiritual total ou libertação do egocentrismo. Sobre estas afirmações diz Hurdling:

Embora haja quantidade razoável de provas que sustentam pelo menos algumas das afirmações do transpessoalismo, o cristão não será enganado por meras considerações pragmáticas. Ele terá uma atitude de prudência, lembrando que o Adversário pode aparecer como “um anjo de luz” que existe uma “luta [...] nas regiões celestes” entre os poderes do bem e do mal, e que, acima de tudo, Cristo, “tendo despojado os poderes e autoridades, deles fez um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz”. (HURDING, 1995, p. 208).

## 2.2.6 PSICOLOGIA HUMANISTA

A psicologia humanista é uma categoria do pessoalismo, segundo Hurding (1995, p.126-127), Edward Spranger afirmava que o objeto de estudo da psicologia é a experiência humana, analisando seu significado tendo em mente os alvos da vida e valores de alguém. Classifica a pessoa em seis tipos, com filosofias de vida diferentes: o teórico, o econômico, o estético, o sociável, ávido de poder e o religioso. O humanismo que tem a humanidade como centro das atenções em seu potencial e suas realizações, sob o aspecto das metodologias de aconselhamento podemos dividir o pessoalismo em psicologia humanista e psicologia existencial.

Spranger, na qualidade de discípulo de Dilthey, opôs-se fortemente ao reducionismo, por exemplo, dos behavioristas, com suas tentativas de explicar o comportamento sob o aspecto puramente biológico. Ele sustentava que o objeto de estudo da psicologia é a experiência humana, sendo o seu método a compreensão do significado dessa experiência tendo em mente os alvos de vida e os valores básicos de alguém. (HURDING, 1995, p. 126)

Empatia é um dos aspectos mais importantes da terapia humanista. Esta idéia se concentra na capacidade do terapeuta para ver o mundo através dos olhos do cliente. Empatia deriva da palavra grega *empathia*, que significa "sentir em" ou "sentir com".

A terapia será mais eficaz se o terapeuta entrar com precisão no mundo do paciente. Os pacientes lucram muito pela simples experiência de serem vistos em toda sua plenitude e de serem inteiramente compreendidos. (YALOM, 2006, p.34)

Sem a empatia, os terapeutas podem deixar o paciente num ambiente externo de referência. O terapeuta não compreende os pensamentos do cliente como este desejaria, mas fica de longe e desconsidera o propósito da terapia

humanista. Incluído com a empatia, a consideração positiva incondicional é um dos elementos-chave da psicologia humanista e refere-se ao cuidado que o terapeuta precisa ter para o cliente. Isso garante que o terapeuta não se torna a figura de autoridade na relação que permite um fluxo mais livre de informação, bem como uma gentil relação entre os dois. Um terapeuta praticando a terapia humanista tem de mostrar disposição para ouvir e garantir o conforto do paciente, onde sentimentos genuínos podem ser compartilhadas. O terapeuta deve estar centrado em assegurar que todos os sentimentos do cliente estão sendo considerados. Clara Feldman de Miranda faz um resumo a respeito disso:

As posturas terapêuticas foram classificadas em seis dimensões básicas – aquelas atitudes construtivas assumidas pelo terapeuta na sua relação com o cliente. As três primeiras dimensões foram identificadas por Rogers (1967), enquanto as três últimas foram identificadas por Carkhff (1969):

1. **Empatia:** capacidade de se colocar no lugar do outro, de modo a sentir o que se sentiria caso se estivesse em seu lugar.
2. **Aceitação incondicional ou respeito:** capacidade de acolher o outro integralmente, sem que lhe sejam colocadas quaisquer condições e sem julgá-lo pelo que sente, pensa, fala ou faz.
3. **Coerência:** capacidade de ser real, de se mostrar ao outro de maneira autêntica e genuína, expressando, através de palavras e atos, seus verdadeiros sentimentos.
4. **Confrontação:** capacidade de perceber e comunicar ao outro certas discrepâncias ou incoerências em seu comportamento.
5. **Imediaticidade:** capacidade de trabalhar a própria relação terapeuta-cliente, abordando os sentimentos imediatos que o cliente experimenta pelo terapeuta e vice-versa.
6. **Concreticidade:** capacidade de decodificar a experiência do outro em elementos específicos, objetivos e concretos. (MIRANDA, p. 27,2004)

Auto-ajuda também está incluída na psicologia humanista. A teoria Humanista teve uma forte influência sobre as outras formas de terapia popular, incluindo adeptos e defensores como Carl Rogers. Rogers acreditava que quando um terapeuta pôde ser congruente, a relação real ocorre na terapia. É muito mais fácil confiar em alguém que está disposto a compartilhar sentimentos abertamente.

Estudaremos mais abaixo a Psicologia Existencial, que também faz parte do humanismo, o qual Rogers era mentor. Hurding sobre quem era Rogers:

Carl Ransom Rogers (1902-1987), o quarto dentre seis filhos cresceu numa comunidade residencial ao redor de Chicago. Ele fazia parte de uma família com forte sentimento de solidariedade, mas ao mesmo tempo sem o desejo e a capacidade de comunicar sentimentos pessoais e particulares (HURDING, 1995, p.128)

Na psicologia humanista o terapeuta minimiza os aspectos patológicos da vida de uma pessoa em favor dos aspectos saudáveis. Um ingrediente chave nesta abordagem é o encontro entre terapeuta e cliente e as possibilidades de diálogo. Tudo isso faz parte de motivação psicologia humanista por isso é uma ciência da experiência humana, com foco na experiência real vivida pelas pessoas. O papel do terapeuta é criar um ambiente onde o cliente pode expressar livremente quaisquer pensamentos ou sentimentos. Nesta forma de psicologia o terapeuta não pode sugerir temas para conversa nem ele pode orientar a conversa de forma alguma. O terapeuta também não pode analisar ou interpretar o comportamento do paciente ou qualquer informação das ações do paciente. O papel do terapeuta é fornecer empatia e ouvir atentamente o paciente.

## 2.2.7 PSICOLOGIA EXISTENCIAL

Outra categoria do pessoalismo é a psicologia existencial. Entre as primeiras abordagens, encontramos a teoria de desenvolvimento de Abraham Maslow, e os aspectos trágicos da existência humana e da terapia centrada na pessoa ou centrada no cliente de Carl Rogers, que é centrada na capacidade do cliente para a auto-direção e compreensão de seu próprio desenvolvimento. O terapeuta deve estar seguro que todos os sentimentos do cliente estão sendo considerados e que o tem uma firme preocupação e atenção no cliente, assegurando que há um ar de aceitação e calor.

A Psicologia humanista inclui várias abordagens para aconselhamento e terapia. Hurding diz:

O existencialismo, mesmo em maior proporção que o humanismo, é uma maneira de enxergar a natureza humana e a ordem natural abarcando ampla gama de tónicas diferentes. Entre seus protagonistas encontram-se colegas curiosos, vários dos quais rejeitam ser chamados existencialistas: Soren Kierkegaard (...) Friedrich Nietzsche (...), o Karl Jaspers, Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre. (Hurding, 1995, p.145)

Como vimos Carl Ransom Rogers foi um dos mais conhecidos defensores da psicologia humanista. Nasceu em meio a uma família tradicional e passou por uma série de mudanças até a perda de seus princípios cristãos, passando a acreditar apenas naqueles relacionados à psicologia humanista.

De acordo com Rogers, homens e mulheres possuem dentro de si os recursos para uma mudança construtiva, esta é uma tônica fortemente humanista.

Seus objetivos se exprimem em quatro aspectos de mudança desejados, no cliente, na terapia de acordo com (HURDING, 1995, p.132-140): a catarse, contém a idéia de purgação e purificação ou libertação de emoções anteriormente reprimidas; o insight que é introspecção de sua condição a centralização na experiência ou seja, a experiência é autoridade suprema; o crescimento, considerado primordial.

Rogers mostra o processo de interação entre duas pessoas, conselheiro e aconselhado, cujo objetivo é aquele de habilitar o aconselhado a tomar uma decisão em relação a escolhas da vida através de levar a pessoa a uma tomada de decisão ou de "ajudar a pessoa a ajudar-se". Parte do pressuposto de que uma pessoa já tem em si os recursos necessários para crescer, propõe-se criar as condições para fazê-las emergir de uma situação na qual ela pode sair.

Outras abordagens para aconselhamento e terapia humanista incluem Gestalt terapia, o que coloca o foco no aqui e agora. A interpretação de papéis também desempenha algo poderoso na gestalt-terapia Ao usar a terapia da Gestalt, sinais não-verbais são um importante indicador de como o cliente pode realmente estar sentindo, apesar dos sentimentos expressos.

Além disso, a psicoterapia humanista, terapia profunda, holística da saúde, grupos de encontro, treinamento de sensibilidade, terapias conjugais e familiares Psicoterapias existenciais aplicam a filosofia existencial, que enfatizam a idéia de que os seres humanos têm a liberdade de fazer o próprio sentido de suas vidas. Eles são livres para definir-se e fazer o que é que eles querem fazer. Este é um tipo de terapia humanista que obriga o cliente a explorar o significado de sua vida, bem como a sua finalidade. Há um conflito entre ter liberdades e ter limitações. Exemplos de limitações incluem genética, cultura, e muitos outros fatores. A terapia existencial preocupa-se em resolver estes conflitos.



## 2.2.8 AS NOVAS TERAPIAS E MAIS ALGUNS NOMES IMPORTANTES

Muitas novas técnicas surgiram no ocidente nos últimos três decênios – não há dúvida que, com isso ampliaram a gama de maneiras de ajudar as pessoas do melhor modo possível – e tem sido aclamada tanto por profissionais quanto por leigos, como a “terapia racional emotiva” dentre outras. Para finalizar vamos falar de mais alguns nomes:

Hurding (1995, p.209-219) diz que no início de 1955, com Albert Ellis, depois de passar um bom período de sua vida envolvido nas técnicas da psicanálise, surge a teoria e a prática da terapia racional. Com esse método Ellis procurava ajudar as pessoas a “desdizer e a despensar”, a fim de se libertarem da neurose. Declara seu pensamento essencialmente racionalista, no sentido moderno e ateísta do termo. Afirma que esse novo método apanha alguns dos melhores elementos do racionalismo antigo e moderno, e tenta uni-los com elementos semelhantemente trabalháveis do humanismo, do existencialismo e do realismo. Segundo HURDING:

À semelhança de muitas das personalidades carismáticas que entraram no cenário americano após a Segunda Guerra Mundial Albert Ellis, embora se tenha formado inicialmente para atuar como psicoterapeuta no aconselhamento matrimonial, familiar e sexual, foi fortemente influenciado pelo pensamento psicanalítico. (HURDING 1995 p. 211-212)

Ellis defende que as pessoas podem controlar os pensamentos derrotistas mas que não o fazem por incapacidade. Rejeita a possibilidade de que possam ser pecadoras demais, vendo os conceitos de pecado e de culpa como “altamente perniciosos e antiterapêuticos” e completa dizendo que o terapeuta racional sustenta que nenhum ser humano deveria ser culpado por qualquer coisa que faça. Segundo ele o pecado é a causa de toda perturbação neurótica.

Como objetivo essa terapia define a ajuda ao paciente na interiorização de uma filosofia racional de vida. Trabalha com vistas a alcançar uma racionalidade interiorizada mediante uma série de alvos subsidiários, pelos quais o terapeuta racional “mostra a seus pacientes como pensar objetivamente e agir satisfatoriamente.”

O papel do terapeuta racional é buscar mudar as maneiras incorretas de pensar do paciente por meio de uma variedade de técnicas comportamentais, como

o descondicionamento, a dessensibilização e as tarefas de casa. Ele precisa ensinar ao paciente novos métodos para que ele experimente resultados positivos.

Ellis acredita que os homens e mulheres livres das idéias do pecado e da culpa, e não tolhidos naquilo que herdaram, podem ser, mediante reeducação, radicalmente transformados e levados a pensar de maneira correta.

Um pouco antes dessa época podemos citar um pouco de Otto Rank (1884 - 1939) foi um psicanalista austríaco, escritor e professor. Nascido em Viena, foi um dos colaboradores mais próximos de Sigmund Freud por 20 anos, um escritor prolífico sobre temas psicanalíticos, um teórico criativo e terapeuta. Freud considerou Rank, com quem era mais íntimo intelectualmente do que os seus próprios filhos, para ser o mais brilhante de seus discípulos vienenses. Hurding (1995, p. 98) diz que Otto Rank inicialmente freudiano negou que o complexo de Édipo seja fonte fundamental da neurose e defendeu a idéia de que o trauma do nascimento é a origem de todas as neuroses. Hurding explica o tipo de terapia de Otto Rank:

Na terapia ele se concentrava na condição atual do paciente, procurando resolver o medo primitivo de separação da mãe ao oferecer ajuda em curto prazo. Isso resultava numa antecipação de “perda” do terapeuta, o que parecia precipitar sonhos acerca do nascimento do paciente e uma oportunidade de superar uma “ansiedade de separação” profundamente arraigada. (HURDING, 1995, p. 412)

No século 20, um grande número de psicoterapias foram criados. Todas estas mudanças ainda continuam, tanto em popularidade, métodos e eficácia. Profissionais podem usar uma combinação de terapias e abordagens, muitas vezes em um processo de tratamento com equipes. As terapias mais tradicionais têm um código de ética, associações, profissionais, programas de treinamento, e assim por diante. As terapias mais recentes e inovadoras podem ainda não ter estabelecido estas estruturas ou talvez não queiram mesmo. Realmente a lista é muito grande por isso não temos como falar de todas.

### 2.3 A REAÇÃO PREVISÍVEL DOS CLÉRICOS

Talvez a adversidade dos cléricos a algumas linhas de terapia possa ter grande embasamento na própria preocupação com a saúde do rebanho. Segundo ANGERAMI, (2002, p.10), a dificuldade dos pastores e cléricos compreenderem a

união do gabinete pastoral com o divã, pode ser também um fator histórico de responsabilidade específica da ciência chamada psicologia, pois a cisão parte por interpretação que psicoterapeutas faziam da religião, como fuga da realidade ou alienação.

Alguns movimentos atuais que por forma irresponsável trouxeram grandes prejuízos aos que aderiram a elas, membros de Igreja ou mesmo pacientes, trouxeram sérias restrições a pastores e líderes evangélicos, e destaque os da Igreja Reformada. Vide documento da Igreja Presbiteriana no ANEXO A.

Analisando o exposto, podemos dizer que o surgimento da psicologia científica levou teólogos e pastores a assumir algumas posturas diante novas tendências. Quais são as formas que eles reagem?

### **2.3.1 Assimilação**

Os clérigos e pastores e Igreja reagem às psicologias seculares. Trataremos das reações assim descritas por Roger, como assimilação, reação ou rejeição, e diálogo. A tradição de cuidado pastoral nos Estados Unidos começou a se voltar para a psicologia científica.

Dr. Anton Boisen, foi um dos mais conhecidos fundadores da teologia pastoral, e viu a necessidade da implantação de um ministério religioso em hospitais, instituições para doentes mentais, prisões e reformatórios. Foi amplamente considerado como uma figura pioneira na capelania hospitalar e clínicas.

Anton Boisen sustenta que o pastor é um “amigo dos necessitados. Sobre a sua reação, Hurding (1995 p. 247) diz que a cooperação íntima entre a prática religiosa e o insight psicológico prosseguiu nas duas direções.

Leslie Weatherhead (1893-1976) foi um teólogo Inglês cristão na tradição liberal protestante. Um dos melhores pregadores da Grã-Bretanha, Weatherhead era conhecido por seu ministério de pregação no templo da cidade de Londres e por seus livros. Segundo Hurding (1995 p. 253) foi muito influenciado pela teoria e prática freudianas, mas não deixou de ser um crítico das ênfases de Freud no complexo de Édipo e na importância do sexo.

Permitiu em seu trabalho elementos do liberalismo teológico e do sobrenaturalismo. Weatherhead entende que o objetivo derradeiro de sua entrevista

psicológica é a “integração pessoal”. Ele iguala esse conceito à idéia junguiana de “individuação”, na qual está estruturado o sábio ambiente da casa da personalidade de alguém. Hurding citando Weathershead diz:

Com cura (...) queremos dizer o processo de restaurar a harmonia rompida que impede a personalidade, qualquer parte do corpo, da mente ou do espírito, de funcionar de forma perfeita em em seu ambiente; o corpo; no mundo material; a mente; no âmbito das idéias verdadeiras e o espírito, no relacionamento com Deus (WEATHERHEAD apud HURDING, 1995 p. 253)

### 2.3.2 Rejeição

Os americanos Hobart Mowrer (1907-1982) e Paul Vitz (1935-) são exemplos de críticos do posicionamento de assimilação e da teoria freudiana.

Hurding sobre Mower:

Referindo-se a si mesmo como “clérigo ativo” ele investiu contra Freud, a quem chamou-o de o flautista de Hamelin, que nos enganou, levando-nos a idéias e práticas gravemente errôneas. Usando outra metáfora (...). Ao contrário de Moisés, que, sob a direção de Deus, buscou livrar o povo do pecado, parece que Freud procurou salvar a humanidade da própria idéia do pecado. (HURDING, 1995 p. 264)

Mowrer rejeitou este modelo de psiquiatria concluindo que a doença primal não básica não é emocional, mas comportamental. O paciente não é uma vítima de sua consciência, mas um violador da mesma. Ele deve parar de culpar os outros e aceitar a responsabilidade por seu próprio comportamento ruim. Os problemas podem ser resolvidos, não, pela verbalização dos sentimentos, mas sim pela confissão do pecado. McArthur Jr. Diz:

A “psicologia cristã” da forma que a expressão é usada hoje, é um paradoxo. A palavra psicologia não expressa mais o estudo da alma; em vez disso, descreve uma coletânea de terapias e teorias que são, essencialmente, humanistas. As pressuposições e a maior parte da doutrina da psicologia não se integram bem com a verdade cristã. Além do mais, a infusão da psicologia para dentro do ensino da igreja tem enevado a linha divisória entre a modificação comportamental e a santificação. (MACARTHUR, 2004,p.29)

### 2.3.3 Diálogo

A atitude cristã em resposta a psicologia secular ora é de uma lealdade impressionante por alguns que a defendem, ora é de uma rejeição tremenda, segundo Hurding (1995, p.270), neste meio vários psicólogos e teólogos tem tomado parte num diálogo que busca a compreensão e respeito mútuos.

MALCOM Jeeves toma o cuidado de distinguir entre o valor das teorias de Skinner nas áreas de modelagem e de controle do comportamento humano apropriado em certas circunstâncias e o toque desumanizante de suas conjecturas sobre a natureza do homem. Hurding diz sobre MALCOM Jeeves :

Ele tem por objetivo oferecer diretrizes para “responder perguntas que surgem à medida que se busca relacionar o que os psicólogos descobriram com aquilo que os cristãos crêem e fazem. Ele enfoca a questão abertamente, assinalando que muitos “pseudoconflitos” entre a ciência e a religião surgiram porque nenhum dos lados levou em conta os conceitos e o vocabulário do outro. Ele dá o exemplo de “culpa” em que o psicólogo e o ministro cristão provavelmente empregarão a mesma palavra em sentidos bem diferentes. Jeeves conclama uma tolerância quanto as percepções uns dos outros [...] De modo imparcial Jeeves critica a psicologia por seu reducionismo, e o cristianismo por sua paranóia. (HURDING, 1995, p. 270)

Ele mostra que nos diálogos entre ciência e fé, deve-se reavaliar algumas posturas tradicionais de interpretações das passagens bíblicas e que também é preciso voltar a uma visão mais holística do ser humano natureza, que liga a nossa singularidade com a capacidade dada por Deus para um pessoal relação com o nosso Criador.

Enfim, o diálogo entre psicologia e religião é algo bem complexo, isso porque exige conhecimento de psicologia e religião. Os interessados com formação em psicologia muitas vezes não têm uma sólida compreensão do religioso, que também não é algo fácil pois envolve costumes, doutrinas, tradições, e muitas outras adições que é difícil quem está de fora ter conhecimento. Também porque teólogos não estão atualizados sobre os últimos desenvolvimentos em psicologia. Isso requer ferramentas conceituais para organizar o materiais e entender os problemas básicos envolvidos em qualquer uma das partes como os conceitos filosóficos que estão por trás das duas materias. Mas com certeza vale a pena investir, pois é um campo maravilho para estudos interdisciplinares e promoverá crescimento tanto para uma área quanto para outra.

## **CAPÍTULO 3 - ENCAMINHANDO FAMÍLIAS**

### **3.1 Encaminhamento das Famílias ao Psicólogo**

Em meio a assistentes sociais, psicólogos e psiquiatras, a terapia familiar tornou-se um aspecto extremamente importante da psicoterapia. Teve início experimentalmente nos Estados Unidos, no início da década de cinquenta, surgiu de um destaque dado no período pós-guerra aos grupos sociais e da emergente ciência da análise de sistemas. Conseqüentemente, a família é vista como “uma unidade global funcional, e a terapia concentra-se no comportamento geral dessa unidade” (HURDING, 1995, p.210).

Os terapeutas familiares baseiam seu trabalho na teoria sistêmica, considerando a família como um sistema integrado e cada membro da família como um participante contribuinte.

O sistema familiar é complexo, composto de subsistemas interdependentes: cada indivíduo é um subsistema, assim como cada dupla pai-filho, irmãos, marido-mulher e avós-netos. As interações das pessoas dentro e entre subsistemas são controladas por regras e padrões implícitos, recorrentes e estáveis, que são tanto mantidos como também criados por todos os participantes. (NICHOLS e SCHWARTZ, 2007 p.153).

Dessa forma em uma abordagem sistêmica, cada membro da família é visto como um participante de inúmeros subsistemas que interagem e influenciam mutuamente.

Segundo Nichols e Schwartz, (2007, p. 22), a terapia familiar nasceu em uma época em que o paradigma psicanalítico prevalente enfatizava os conflitos inconscientes como a fonte da infelicidade humana. Para ser efetiva, a terapia precisava sondar profundamente para descobrir esses conflitos e esse era um processo longo e demorado. Ao rejeitar esse modelo mentalista, reducionista e que focava apenas na patologia, terapeutas familiares recorreram a metáforas sistêmicas que focavam o comportamento, e a interação, trazendo assim melhoras significativas.

Conforme Nichols e Schwartz, (2007, p.25), a terapia familiar nasceu na década de 1950, cresceu nos anos de 1960 e ficou adulta na década de 1970. A

onda inicial de entusiasmo por tratar a família como uma unidade foi seguida por uma crescente diversificação de escolas, todas competindo pelo monopólio da verdade e o mercado de serviços.

Bion citado por Nichols e Schwartz, (2007 p.30), foi outro importante estudioso da dinâmica de grupo que enfatizou o grupo como um todo, com dinâmica e estrutura próprias e complementa que a maioria dos grupos se desvia de suas tarefas primárias, engajando-se em padrões de luta-fuga, dependência ou formações de pares. As suposições básicas são facilmente extrapoláveis para a terapia de familiar.

Valendo-se da escola gestáltica de psicologia perceptual, Lewin citado por Nichols e Schwartz, (2007) deu a seguinte contribuição:

Desenvolveu a noção que o grupo é mais do que a soma de suas partes. Essa propriedade transcendente dos grupos tem uma relevância óbvia para os terapeutas familiares, que precisam trabalhar não com indivíduos, mas também com sistemas familiares, – e com a sua famosa resistência à mudança. (NICHOLS e SCHWARTZ apud Lewin, 2007, p.31)

As dinâmicas grupais são relevantes para a terapia familiar porque a vida em grupo é uma mistura complexa de personalidades individuais. Segundo Nichols e Schwartz (2007, p.32), na abordagem da dinâmica de grupo, desenvolvida por Folkes, Bion, Ezriel e Anthony na Grã-Bretanha, o foco mudou dos indivíduos para o próprio grupo, visto como uma entidade de transcendente com leis inerentes. Esses terapeutas estudaram as interações de grupo não apenas por aquilo que revelavam a respeito de cada personalidade, mas também para descobrir temas ou dinâmicas comuns a todos nos membros do grupo.

Segundo Zimerman (2000, p.73), parte do princípio de que os grupos funcionam como um sistema, ou seja, onde há uma constante interação, complementação dos distintos papéis que foram atribuídos e são desempenhados por cada um dos seus componentes. Logo um sistema funciona como um conjunto integrado, onde qualquer modificação de um dos elementos irá afetar o sistema como um todo.

De acordo com Nichols e Schwartz (2007, p.122), a família funciona como um sistema, um complexo de elementos colocados em interação, pois possui

elementos interagentes e interdependentes que respondem um ao outro de forma a detectar os problemas deste sistema automaticamente.

Segundo Nichols e Schwartz (2007, p.35), a teoria dos sistemas ou teoria sistêmica teve origem na matemática, física e engenharia da década de 1940, quando os teóricos começaram a construir modelos da estrutura e funcionamento de unidades mecânicas e biológicas organizadas. O que esses teóricos descobriram foi que coisas tão diversas como máquinas simples, aviões a jato, amebas e o cérebro humano compartilham os atributos de um sistema, ou seja, uma montagem organizada de partes que forma um todo complexo. Bateson e seus colegas consideram a teoria geral dos sistemas o veículo perfeito para esclarecer as maneiras pelas quais as famílias funcionavam como unidades organizadas.

De acordo com Nichols e Schwartz (2007, p.104), durante os anos de 1940, um biólogo austríaco, Bertalanffy, tentou combinar conceitos do pensamento sistêmico e da biologia em uma teoria universal dos sistemas vivos da mente humana à ecoesfera. A partir das investigações do sistema endócrino, ele começou a extrapolar para sistemas sociais mais complexos e desenvolveu um modelo que passou a ser conhecido como a teoria geral dos sistemas.

Davidson (1983) citado por Nichols e Schwartz (2007, p.105), em sua biografia, resumiu a definição de sistemas de Bertalanffy como:

Qualquer entidade mantida pela mútua interação de suas partes, do átomo ao cosmo, e incluindo exemplos mundanos como os sistemas telefônico, postal e de trânsito rápido. Um sistema bertalanffiano pode ser físico, como um aparelho de televisão, biológico, como um cooker espaniel, psicológico, como uma personalidade, sociológico, como um sindicato, ou simbólico, como um conjunto de leis [...] um sistema pode ser composto por sistemas menores e também pode ser parte de um sistema mais amplo, exatamente como um estado ou província é composto por jurisdições menores e também é parte de uma nação ponto. (NICHOLS e SCHWARTZ apud DAVIDSON, 2007, p.105).

Bertalanffy foi o pioneiro da idéia de que um sistema é mais do que a soma de suas partes, no mesmo sentido de que um relógio é mais que uma coleção de engrenagens e molas, ou seja, quando as coisas estão organizadas em um sistema surge algo novo, como por exemplo, quando a água surge da interação do hidrogênio e oxigênio. Aplicadas à terapia familiar deve ser visto como mais do que



apenas uma coleção de indivíduos e que os terapeutas devem focar as interações em vez da personalidade tornaram princípios centrais no campo.

Segundo Nichols e Schwartz, (2007, p.116), Bertalanffy<sup>2</sup> levantou muitas das questões, que moldaram e ainda moldam a terapia familiar: um sistema como mais do que a soma das partes; ênfase na interação dentro de e entre sistemas versus reducionismo, sistemas humanos como organismos ecológicos versus mecanicismo, conceito de equifinalidade, reatividade homeostática versus atividade espontânea, importância de crenças e valores ecologicamente certos versus ausência de valor.

Todo sistema é um subsistema maior, onde a família está inserida. A terapia familiar sistêmica consiste em uma abordagem terapêutica onde todos os indivíduos participam da sessão, a família funciona como um todo, onde as pessoas interagem umas com as outras e influenciam essas relações em apoio mútuo. De acordo Walsh (2005, p.35), para indivíduos e famílias superarem crises, é importante acreditar que podem recorrer um ao outro.

### **3.2 Pastores Encaminhadores**

As Igrejas sérias devem habilitar a mentalidade dos profissionais da psicologia e clérigos, para o desenvolvimento de curas, baseadas na compreensão da organização sistêmica da família e de sua inserção em sistemas mais amplos; ampliar a vivência de saúde física, emocional, mental da família; desenvolver uma visão sistêmica e dos subsistemas os quais a família está inserida possibilitando assim compreender o indivíduo e seu contexto familiar, a fim de viabilizar formas de atuação que considerem não só as relações no sistema familiar, mas, como também suas interfaces com diversos núcleos sociais.

Lawrence J. Crabb Jr.(1995, p.11) conclui: “A meu ver, qualquer abordagem realmente bíblica do aconselhamento, funcionará mais efetivamente quando desempenhada dentro do corpo local de crentes”.

O pastor atua como um encorajador para que a família aceite a terapia. É fundamental que o terapeuta atue como um facilitador do processo e agente de

---

<sup>2</sup> Foi biólogo nascido na Áustria conhecido como um dos fundadores da Teoria Geral de Sistemas.

mudanças, através de sua prática terapêutica possa conduzir a família a desenvolver a autonomia, a esperança e o otimismo frente às adversidades vividas ao longo do seu ciclo vital, sempre encorajando-os a permanecer sua comunhão na Igreja local. O “diálogo” entre ministro e o psicólogo é imprescindível.

Até mesmo aconselhamento em grupo deve ser avaliado. As doutrinas da Igreja e do ministério revelam a natureza e profundidade de uma Igreja, mas os grupos de aconselhamento, e podem se tornar um meio de graça para a membresia. Roger Hurding diz

"O aconselhamento é a atividade que tem como objetivo ajudar os outros para a mudança construtiva em aspectos qualquer ou todas de vida através de uma relação de cuidado, que concordou limites e estabelece a devida ênfase nos mecanismos psicológicos". (HURDING, 1992, p.63)

Além disso, o ministério da igreja é o ministério de todo o povo de Deus. Aconselhamento em grupo pode se tornar um meio pelo qual o pastor cumpre sua função essencial: "para equipar o povo de Deus para o trabalho em seu serviço" (Efésios 4:11-12, NEB).

A formação no seminário prepara o pastor para aconselhar as pessoas em assuntos espirituais, para aplicar conceitos bíblicos para a vida diária, acertar relações familiares, aconselhar de forma sistemica acompanhando famílias e como consequencia disto alcançar essas famílias para a congregação, é função também desta preparação levar congregações a mudança de vida e a adoração. A prestação de cuidados espirituais é definitivamente competencia da área pastoral.

Numa Igreja o pastor segue o seu modelo para aconselhamento. Se a Igreja é de Jesus, assim como acreditamos, então aprender como Jesus tratou as pessoas seguido da prática de oração é fator de sucesso na vida pastoral.

Aconselhamento inclui a esperança de dar incentivo com compaixão e uma voz suave e agradável. Proclamando a graça de Deus para atender as provações da vida gera atitudes positivas e da crença de que os problemas podem ser superados pelo poder de Deus. O pastor deve se identificar com o estado de saúde do enfermo e com compaixão caminhar ao lado do cansado, trazendo esperança.

Os autores Snyder e Lopez (2009) definem esperança como:

[...] pensamento voltado a objetivos, no qual a pessoa tem a capacidade percebida de encontrar caminhos para chegar a metas desejadas (pensamento de rumo) e a motivações necessárias para usar esses

caminhos (pensamentos de ação). A esperança não é de base genética, e sim uma forma totalmente aprendida e deliberada de pensar [...]. (SNYDER e LOPEZ, 2009, p.44).

GROOPMAN (2004 p. 67) diz que algumas definições de esperança são mal entendidas e na verdade são o seu oposto. Esperança não é a mesma coisa que anseio ou desejo. Essas motivações têm características passivas nas quais se faz pouco ou nenhum esforço para concretizar o objetivo desejado.

É uma crença nas possibilidades futuras. É a capacidade de esperar com paciência e fé engajada, ao mesmo tempo em que age para que o amanhã seja diferente.

A esperança é a crença de que a vida pode ser melhor, junto com as motivações e esforços para torná-la melhor. Mais do que desejar, ter anseios ou sonhos acordado, a esperança caracteriza o pensar que conduz a ações dotadas de sentido. Um anseio visualiza a mudança, mas pode não levar a ação. Em todas as civilizações e períodos históricos, houve crenças e atividades esperançosas [...]. (SNYDER & LOPEZ, 2009, p.43).

“Boff afirma que precisamos ter esperança. Ela se expressa na linguagem das utopias. Estas, por sua natureza, nunca vão se realizar totalmente”. Mas é esta espera que nos faz continuar a jornada. (BOFF, 2009, p.58). Boff cita um trecho do poeta gaúcho Mário Quintana: “Se as coisas são inatingíveis... Ora! / não é motivo para não querê-las/ Que tristes os caminhos e se não fora / A mágica presença das estrelas”. (QUINTANA apud BOFF, 2009, p.58).

Groopman afirma que:

A falsa esperança é um alicerce precário para que nele se possa basear as vicissitudes de circunstâncias difíceis. Somente a esperança verdadeira é capaz de trazer e levar até o fim suas companheiras, a coragem e a tenacidade. A falsa esperança acaba por fazer com que elas sejam perdidas ao longo do caminho, quando a realidade intervém e suplanta a ilusão. (GROOPMAN, 2004, p.228)

As pessoas profundamente perturbadas precisam de um pastor com mais do que apenas as habilidades necessárias para detectar a profundidade e a extensão de suas dificuldades. Eles precisam de alguém que pode comunicar de forma significativa para eles que, aconteça o que acontecer, eles nunca podem ser separados da compaixão de Deus e preocupação. Uma crise emocional pode realmente ser um momento de maior abertura à graça de cura de Deus.

A humildade do pastor está entre as maiores qualidades para o sucesso do aconselhamento. A capacidade do conselheiro de perceber a condição do paciente aliada a humildade de reconhecer até onde vai a sua parte, gera o encaminhamento a profissionais de saúde da alma, da saúde emocional e mental. Sobre a psicologia e aconselhamento cristão Wadislau Martins Gomes admite:

As observações da psicologia podem ajudar muito no preparo do conselheiro e na condução do processo de aconselhamento, conquanto seja resguardada a soberania da fé cristã revelada na Escritura como o elemento crítico da sua validade. (GOMES, 2004, P.9)

As histórias de família, incluindo crises emocionais, podem levar o pastor a direcionar não o aconselhado, mas depois de uma verificação mais profunda a família e assim trabalhar de forma sistêmica. Está nas suas mãos sugerir uma visita ao psicólogo para um parente do aconselhado.

Um capelão de uma escola ou hospital serve como uma ponte em muito dos casos. Ele pode saber se uma pessoa precisa de um acompanhamento mais preciso de um psicólogo, ou em equipe com este mesmo psicólogo sugerir em casos extremos a visita a um psiquiatra.

Os pastores devem observar os sintomas de distúrbios emocionais para que eles possam reconhecer a necessidade de ajuda especializada, mas eles não são geralmente equipados para fazer a triagem psicológica e diagnóstico. As igrejas devem ter contratos com um profissional de saúde mental para trabalhar áreas como estas .

Só porque o pastor não é um profissional da área de saúde, não significa que ele não seja referência, pois muitos membros da Igreja se sentem mais confortáveis e confiantes em fazer uma consulta com um profissional depois de terem sido encaminhadas pelo seu pastor.

Muitos membros de Igreja acham que ter depressão é pecado, e que tomar remédios “faixa preta” é mais pecado ainda. Quando um pastor quebra este mito ele está fazendo o bem e promovendo libertação para esta pessoa.

Na própria comunidade talvez já exista o profissional que o pastor precisa. O psicólogo cristão que professa a mesma fé, se for um bom profissional, pode dirigir seu trabalho em conjunto com o trabalho pastoral. As discussões podem ser várias com vários entendimentos: sobre confessionalidade, sobre a sua educação, sobre o preço do tratamento e a combinação de qual seria o preço para aquele

determinado cliente, ou se a Igreja pagará o tratamento qual seria o desconto e assim por diante. Qual seria sua disposição para colaborar com o pastor, qual a relação de confiança com aquele pastor e qual seria sua vontade de aprender sobre o sistema daquela Igreja.

Poderiam existir na Igreja seminários sobre saúde mental, ensinamentos sobre quem são terapeutas e suas áreas de competência. Além disso o que são os casos em si. O que é um caso espiritual, o que é um caso emocional, o que é um caso psicológico ou um psiquiátrico.

Pressupondo que quem lê este estudo tenha crenças espirituais, sugere-se também a análise do que seria por exemplo um caso de possessão sendo tratado em um hospício e nunca tendo um desfecho positivo apesar de todas as injeções, tratamentos de choque e remédios fortíssimos. Em contrapartida casos psiquiátricos sendo tratados erroneamente pelos pastores tentando rituais de exorcismo.

Se não houver um profissional capacitado para lidar com situações de complicadas de perdas e luto por acidentes ou mortes traumáticas, ou de crianças que ficam sem seus pais, ou pais que perdem seus filhos realmente a complicação pode ser grave. Um trocadilho: “a competência do pastor por maior que seja não é competente o bastante para resolver áreas que não é da sua competência.

Com razão há uma crítica de MacArthur a um texto escrito na década de 50, que mostrou a atitude assumida pelos terapeutas profissionais em relação ao cuidado pastoral:

É dever (do pastor) não tentar representar o papel do psiquiatra, mas o mais rápido possível, encaminhar o doente a um profissional. Por vezes ele deve corroborar o julgamento do psiquiatra, independentemente dos sintomas que o paciente demonstrar. Além disso, o pastor, nessas situações, deve colocar-se sob o norteamento do psiquiatra, se este acreditar que sua assistência como religioso é útil. A psicoterapia e a terapia religiosa pedem um tratamento consistente e cuidadoso, durante longo período, e o pastor raramente encontra tempo para oferecê-lo. Ele precisa, portanto, ter um especialista da equipe de sua igreja ou sinagoga, a quem possa encaminhar os casos [...]. Por vezes o psiquiatra recomendará ao pastor que aceite um jovem convalescente como membro da organização de jovens da instituição religiosa, na esperança que oportunidades sociais acelerarão a cura. Outras vezes, o psiquiatra reconhecerá o valor do atendimento na adoração divina, a leitura de literatura religiosa, e o efetuar dos ritos e cerimônias tradicionais. Em cada uma dessas situações, o psiquiatra deve ser o mentor e o diretor do tratamento.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Vergilius Ferm, A Dictionary of Pastoral Psychology [Um Dicionário da Psicologia Pastoral] (Nova York: Biblioteca Filosófica, 1955), 208 (ênfase acrescentada) citado por Mac Arthur (2004, p.16-17)

Neste caso a visão dos terapeutas em relação ao cuidado pastoral não estava dando liberdade para o bom funcionamento do diálogo. O que propomos é um diálogo sadio e democratico em benefício dos sofredores. Assim o diálogo é um acordo de ambos os lados.

Pastores que não dialogam, e aceitam os recursos profissionais de saúde mental são alienados da realidade, fundamentalistas e arrogantes. Podem arriscar a saúde mental e até mesmo a vida do aconselhado. Muitos pacientes vão internados em unidades psiquiátricas e tentam suicídio e uma depressão leve se torna uma depressão severa porque pastores desencorajaram a procura de psicólogos que se tivessem interferido no começo poderiam ter grande sucesso no tratamento deles.

Talvez seria bom evitar aquele tipo de psicólogo que não tem uma ética cristã, por vários motivos. Os conselhos tipo: “Você tem que se liberar”, “curta a vida, porque a vida é curta”. O pastor não pode entregar um membro seu na mão de psicólogos que não têm respeito pela santidade do compromisso de casamento.

Sabemos que muitos eventos evangélicos chamados encontrões, foram o início de muitas doenças mentais graves em muitas pessoas que deles participaram. Encontros com técnicas pesadas de regressão, e outras, fazem pessoas entrarem ali sadias e saírem doentes. O que definem como o encontro foi “tremendo”, fazem estas pessoas ficarem “tremendo” o resto de suas vidas.

A responsabilidade é que é tremenda. É muito interessante a forma com que o pastor vai tratar de todos esses casos. Se ele encaminha ele tem que saber. Se ele acha que vai dar conta tem que ter certeza. Ter tato, experiencia, inteligencia, humildade e a sabedoria vinda de Deus.

A psicanálise em si não é nem religiosa, nem não-religiosa, mas uma ferramenta imparcial que tanto o sacerdote e o leigo pode usar a serviço do sofredor. Vejamos o que diz Pfister quanto a isso: “Estou muito impressionado com o fato de que nunca me ocorreu quão extraordinariamente útil o método psicanalítico pode ser no trabalho pastoral” (PFISTER 1963. p. 17.)

A contribuição mais significativa dos pastores para a saúde mental de pessoas e famílias é o aconselhamento pessoas com problemas. O ministro na sua função de conselheiro está fazendo o trabalho no qual as relações entre religião e saúde psicológica são mais fortemente ligadas.

Na verdade uma grande parte do tempo do pastor é gasto em aconselhamentos. Um pastor gasta tempo com administração, visitasões,

preparação de sermões e estudos bíblicos, mas o investimento das energias pastorais em aconselhamento é muito grande. O fato de que essas horas são freqüentemente gastas com pessoas cuja saúde mental está em risco dá ao aconselhado uma significativa qualidade de vida que supera em muito o investimento quantitativo gasto do tempo do pastor.

O sermão de domingo a noite, faz o membro se interessar a procurar o pastor. As palavras trazem esperança e o faz pensar: “quem sabe se eu conversar com ele, então possa achar uma solução para o meu problema”.

Pessoas com problemas são mais propensas a procurar ajuda de um pastor do que de um membro de qualquer outro grupo profissional. Isso coloca o ministro em uma posição estratégica e exigente. As vezes escutamos um ditado popular: o pastor tem que ser psicólogo, advogado, médico...isso por que na vida secular conselhos pastorais sempre são bem vindos. Uma pessoa com problemas que tenha um pastor sábio pode se ver bem melhor depois de um aconselhamento.

Além do aconselhamento formal, o trabalho geral do pastor envolve ricas oportunidades para o aconselhamento informal. O cuidado pastoral é o ministério multifacetado de cuidar do bem-estar e crescimento espiritual de pessoas de todas as idades. Esta função é inestimável como uma sustentação de influência, estimulando vidas de milhões de pessoas.

O pastor pode então estimular as pessoas de sua comunidade de várias formas, por exemplo, lembrando de datas especiais, fazendo cultos de ação de graças, com palavras amigas, elogiando com uma nota de congratulações quando um membro é honrado por sua empresa, uma visita para receber uma nova família para a comunidade, dando atenção total pontos de crises e especiais da vida - casamento, nascimento, morte, doença, acidentes, e assim por diante. Para inúmeras pessoas, este ministério de apoio é indispensável para a manutenção da saúde mental .

O aconselhamento é uma parte do ministério que tem sido alvo de grandes estudos. O foco na cura que tem sido parte integrante e uma nova visão sobre o uso das ciências disciplinas psicoterapêuticas são vistos como recursos que permitem os pastores a cumprir suas funções com novo vigor e eficácia. Lawrence J. Crabb Jr:

A função dos profissionais cristãos será dupla: treinar em aconselhamento, cristãos aptos da igreja local e oferecer recursos de apoio, quando necessários. Não concordo com a opinião de alguns de que os psicólogos devam fechar seus consultórios e enviar as pessoas aos pastores. Embora as Escrituras ofereçam a única informação autorizada sobre aconselhamento, a psicologia e sua disciplina especializada de psicoterapia oferecem esclarecimentos válidos sobre o comportamento humano que, de maneira alguma, contradizem aquelas. Se combinarmos estes esclarecimentos com os recursos terapêuticos de um corpo local de cristãos interessados e consagrados, treinando pessoas da igreja para lidarem com boa parte da tarefa de aconselhamento, poderemos testemunhar um tremendo aumento de maturidade espiritual e emocional dentro de nossas igrejas. (Crabb, 1995, p. 13)

O pastor (quando digo pastor me refiro a padre ou qualquer outro religioso), é único entre os conselheiros na sua meta explícita de crescimento espiritual. Qualquer aconselhamento, que aumenta a capacidade de uma pessoa para se relacionar com outro contribui para uma maior vitalidade na sua relação com Deus. Conselheiros mais religiosamente orientados, no entanto, consideram o desenvolvimento de uma relação mais madura com Deus como essencial para a integridade da personalidade. O fato é que um ministro tem uma preocupação constante para a qualidade de seu aconselhamento, e sabe que, inevitavelmente influencia a o crescimento espiritual do aconselhado.

O ministro é o único entre os conselheiros que atinge as emoções das pessoas de uma forma integral. Isso por que ele é uma figura de autoridade religiosa e as pessoas podem espontaneamente projetar nele uma rica variedade de associações a partir de sua infância, incluindo sentimentos sobre questões como Deus, o céu, o inferno, o sexo, os pais, a morte, o pecado e a culpa. Isto fornece um clérigo sensível uma excelente oportunidade para ajudar as pessoas nessas atitudes emocionalmente carregadas.

Outra vantagem derivada de seu papel é a expectativa de que ele irá visitar o seu povo em suas casas e locais de trabalho, sem um convite especial, pois muitas vezes a visita de um pastor de surpresa é muito bem-vinda. Ele muitas vezes pode detectar problemas em seus estágios iniciais e levar ajuda antes de terem atingido as fases finais, ou fases destrutivas. Um pastor tem a liberdade com o seu povo durante os períodos de estresse, quando os principais problemas freqüentemente desenvolvem. Diferentemente da maioria dos conselheiros, ele pode ser consultado informalmente, sem chamar o processo de terapia ou de "aconselhamento". Uma



pessoa pode passar pela difícil de tomada de decisões, pedindo uma sugestão ao pastor, sem se darem conta de ser um aconselhamento.

Há singularidade nos instrumentos religiosos, que o ministro naturalmente emprega quando estão apropriadas em seu aconselhamento. Por exemplo: quando usadas com cuidado a oração; as Escrituras Sagradas; os sacramentos e a literatura devocional, podem ser de valores distintos particularmente nos aconselhamentos de apoio e de crise. Quando utilizados indiscriminadamente, estes instrumentos podem bloquear, em vez de facilitar o crescimento emocional e espiritual das pessoas. O ministro deve usar ferramentas religiosas em um momentos que sejam pertinentes. O aconselhado sabe que ele representa a comunidade religiosa e a dimensão vertical da existência, que ele é parte do corpo e precisa ser curado.

Um ministro precisa ser razoavelmente proficiente em todas as variedades de aconselhamento, mas ele deve adquirir um alto grau de perícia em três tipos - aconselhamento matrimonial, aconselhamento de crise (especialmente luto), e aconselhamento sobre problemas existenciais-religiosos. Nestes tipos que ele deveria estar entre as pessoas mais qualificadas em sua comunidade. Por causa de seu papel socialmente definido, ele ocupa uma posição estratégica de oportunidade para ajudar as pessoas nessas áreas.

Como ele é uma pessoa de confiança ele pode encaminhar pessoas, aconselhando-as a procurar ajuda psicológica, ou médica. Até mesmo dizer para uma mãe que seu filho precisa ir ao dentista. A ajuda médica deve ser procurada quando os problemas psicose, depressão grave, ou psicossomáticas são óbvias ou há suspeita.

Uma família que, no meio de um problema traumático, é guiado por seu ministro eficaz, geralmente é eternamente grato a ele. Um ministro pode multiplicar seu serviço usando todos os recursos de ajuda de sua comunidade para o cabo. É lamentável que alguns ministros acham que a o encaminhamento à psicoterapia é uma atitude de fraqueza ou de incompetência.

Segundo Minuchin e Nichols (2002, p.263), atualmente fala-se muito sobre “famílias disfuncionais”, e muitas pessoas se consideram sobreviventes feridos: “eu estou tão infeliz por culpa deles. Minha mãe bebia. Meu pai me batia”. O autor citado acima ressalta que: “quando atendo as famílias não vejo vilões ou vítimas, vejo pessoas aprisionadas em padrões auto-boicotadores de desarmonia”. (MINUCHIN e

NICHOLS 2002, p.268). Percebe-se que a família possui recursos inesgotáveis de apoio, amor e carinho, e que o bem de muitos será também o bem de cada um.

O pastor da Igreja é o pastor das famílias. Sobre ele está toda responsabilidade de ser um canal de bênçãos, mas sobre tudo o privilégio de ser um verdadeiro anjo nas vidas das pessoas.

### **3.3 Caminhando para Cura**

Para atender às necessidades espirituais do ser que sofre não há uma regra nem uma forma única. Quem convive todos os dias com indivíduos e com os seus sofrimentos sabe que cada pessoa sente de uma forma diferente, tem uma vivência própria, tem suas idiossincrasias, uma história singular, e uma espiritualidade única. É importante a compreensão destes aspectos no processo terapêutico de tais indivíduos.

Tanto se pode definir um estado de cura ao nível espiritual e da alma, quanto à própria resiliência em face aos problemas da vida. De acordo com Jung (1983):

Os grandes problemas da vida nunca são resolvidos de maneira definitiva e total. E mesmo que aparentemente tenham sido, tal fato acarreta sempre uma perda. Parece-me que a significação e a finalidade de um problema não são estão na sua solução, mas no fato acarreta sempre uma perda de trabalharmos incessantemente sobre ele. É somente isso que nos preservará da estupidação e da petrificação. (JUNG, 1983, p.344).

A íntima relação com Deus, à sensação do sagrado na vida, as emoções de compaixão e amor ao próximo, enfim, a religiosidade, não ajuda muito se não for praticada ou distribuída aos seres e ao mundo, contagiando o trabalho e as relações, proporcionando uma visão global da vida individual e o seu sentido para a família, a cidade, o universo. O que parece ocorrer é que a religião sem o aspecto existencial não ajuda muito.

Se a espiritualidade é vivenciada, e desenvolvida através de uma religião, esta deveria estimular não somente o contato com o sagrado, com o divino, com a essência da vida, mas principalmente a aplicação dessas experiências na vida cotidiana, no enfrentamento de situações corriqueiras, nos pequenos desafios.

A espiritualidade é um mecanismo importante para se fortalecer a resiliência da família para que a mesma possa desenvolver recursos positivos para lidar com as crises ou mudanças que ocorrem durante todo o ciclo de vida familiar.

A importância dos cultos religiosos enquanto agências terapêuticas entre as classes populares urbanas têm sido amplamente reconhecidas. Marín (1995) ressalta que a OMS (Organização Mundial da Saúde) já sinalizou uma mudança de filosofia nas práticas de cuidado à saúde, incentivando certas práticas alternativas e enfatizando a prevenção e a promoção da saúde.

As entidades eclesiais sérias, hoje são reconhecidas como fontes poderosas na terapia de muitos problemas. Os rituais eclesiais levam o indivíduo a profundas reflexões que podem despertar um novo ânimo para a cura, podendo então ser rituais curativos.

Conforme Carter e Mc Goldrick, fala dos rituais curativos dizendo:

*Os rituais curativos fazem parte da tradição humana. Todas as culturas rituais para assinalar perdas profundas, lidar com a tristeza dos sobreviventes e facilitar a continuação da vida depois de uma perda dessas. Entretanto, a cura pode ser necessária não somente no caso da perda de um membro através da morte, mas também para todas as perdas sofridas pelo final dos relacionamentos, para a reconciliação nos relacionamentos depois de revelações dolorosas (por exemplo, casos amorosos), para a tristeza não-resolvida quando os rituais curativos normativos não ocorreram ou não deram certo, para as perdas de partes e funções do corpo causadas por doença, e para a concomitante perda de papéis, expectativas de vida e sonhos (veja Imber Coppersmith, 1995, e Palazolli e colaboradores, 1974, para exemplos de caso de rituais curativos). Os rituais terapêuticos curativos são particularmente úteis quando os rituais curativos não existem (por exemplo, aborto; o final de relacionamentos importantes, especialmente aqueles não confirmados pela comunidade mais ampla; voltar ao normal depois de terror político) ou não são apoiadores pela magnitude da perda (por exemplo, suicídio ou outra morte súbita, violenta ou inesperada) (CARTER e MC GOLDRICK, 2001, p.138).*

Na citação acima, verificam-se vários elementos comuns aos rituais terapêuticos curativos, incluindo afirmação da dor e da perda, alternância do agarrar-se e do abandonar-se, a fim de produzir elaboração, insight e cura.

“A psicoterapia, outrora, era um empreendimento privado. O consultório era um lugar de cura, mas era igualmente um santuário para refúgio de um mundo perturbado e perturbador” (NICHOLS e SCHWARTZ, 2007, p.24). Neste “santuário” também a chance que pessoas têm de “confessarem” segredos escondidos que as aprisionam e lhes causam dor por muitas vezes por não poderem compartilhar e

acabam por guardarem mágoas e falta de perdão, que após liberados proporcionam uma saúde melhor para estes indivíduos.

Segundo Imber-Black (2002, p.17), a prática diária dos terapeutas de família está repleta de segredos, com áreas íntimas e profundas da vida individual e familiar: nascimento, adoção, origem familiar, infertilidade, aborto, doença física e mental, orientação sexual e sexualidade, incesto, estupro, violência, religião, casamento com pessoas de diferentes raças ou nacionalidades, terrorismo e comportamento em tempos de guerra, divórcio, situação como imigrante, suicídio e morte. Com frequência na terapia, à exceção de alguns artigos e algumas referências bibliográficas, a terapia familiar é área pouco mencionada na literatura. Resumindo, até muito recentemente em nosso campo os segredos foram mantidos em segredo.

Os segredos são fenômenos sistêmicos, eles estão ligados ao relacionamento, moldam as díades, formam triângulos, alianças encobertas, divisões, rompimentos, definem limites de quem está “dentro” e de quem está “fora” e calibram intimidade e o distanciamento nos relacionamentos (IMBER-BLACK, 2002, p.15).

Percebemos que as lealdades familiares entre gerações freqüentemente são moldadas pelos segredos. Tais lealdades podem se fazer representar num comportamento de uma forma inexplicável, que se repete entre as gerações. “A capacidade para ser leal em relacionamentos pode ser prejudicada por manter um segredo” segundo Bok, citado por (IMBER-BLACK, 2002, p.21), ou seja, quando uma criança é obrigada por um dos pais a manter um segredo que exclui o outro genitor ou um cônjuge mantém segredos, sem dúvida isso afeta diretamente o bem-estar do outro cônjuge, e a lealdade estará comprometida.

Segundo a mesma autora citada acima a “revelação de certos segredos pode ter um efeito profundamente curativo para indivíduos e relacionamentos” (IMBER-BLACK, 2002, p.16). Portanto, o contato com o *setting* terapêutico e com profissionais éticos e preparados é benéfico, pois, segundo McGoldrick (2003), a terapia estimula os mecanismos de enfrentamento, ativando a rede de relacionamentos como um ambiente de cura para o alívio do sofrimento e renovação na passagem da vida.

A participação do pastor com intervenções, aconselhamentos, e interesse real é fator que pode promover cura a diversos processos doentios que acompanham as famílias.

Assim, verifica-se que o cuidado, o amor, aceitação incondicional e a valorização da crença de cada família é um incentivo para renovação da espiritualidade, e valorização de cada um como parte de tal sistema são bases terapêuticas para cura e ressignificações de muitas questões dolorosas.

Sobre este foco – cura – podemos dizer que um dos conceitos de tratamento destacado no Dicionário Novo Aurélio Séc. XXI, Ferreira (1999) é que “tratamento” é o processo destinado a curar. Tratamento e a cura são conceitos diferentes, “o tratamento é administrado externamente; a cura vem dentro da pessoa, da família e da comunidade”, (MCGOLDRICK, 2003, p.73), ou seja, o tratamento é o caminho para cura, e sobre a cura em si. A autora citada acima afirma que:

O conceito de cura é importante na resiliência. Diferente de ser curado, do estabelecimento ou da resolução de problemas, a cura é um processo natural em resposta a danos ou traumas. Às vezes as pessoas se curam fisicamente, mas não se curam emocional, mental ou espiritualmente; ou relacionamentos de má qualidade permanecem não curados. Alguns podem se restabelecer de uma doença, mas podem não readquirir o espírito para viver e amar plenamente. Mas as pessoas são capazes de se curar psicossocialmente, mesmo quando não se curam fisicamente, ou quando um evento traumático não pode ser revertido. Do mesmo modo, a resiliência pode ser construída mesmo quando os problemas não podem ser resolvidos e quando eles voltam a ocorrer. O significado literal da “cura” é se tornar inteiro. Quando necessário, ela também envolve compensação pelas perdas. (MC GOLDRICK, 2003, p. 73)

“Uma abordagem baseada na resiliência adapta-se mais de perto ao modelo da medicina familiar preventiva ao conceito de cura.” (WALSH, 2005, p.154). A cura interior, a cura das memórias, a terapia da imaginação pela fé e o aconselhamento pela oração são métodos que, de um modo ou de outro, procuram trazer o poder do Senhor ressuscitado para curar e transformar as feridas ocultas do passado e suas influências perniciosas no presente. Entre os estudiosos que atuam nessas áreas estão: Agnes Sanford, Anne White, Catherine Marshall, Ruth Carter Stapleton, Francis MacNutt, Michael Scanlan, Reg East e Roger Moss. (HUNDING, 1995, p.416).

A cura interior como "um processo de reconstrução emocional experimentada sob a orientação do Espírito Santo", e acrescenta que não há nenhuma tentativa de

"suplantar a psiquiatria ou subestimar a sabedoria da psicologia secular" (HURDING, 1995 p.417). Aqui, a pressuposição é de que, para Deus, o passado de cada pessoa é um livro aberto, no qual é possível voltar por suas páginas sentindo a companhia de Cristo, ou seja, lhes dando suporte, acolhimento nos momentos difíceis. Percebe-se tais afirmações nas palavras de Jesus no livro de Mateus cap. 11 vers.28;29-30 onde ele diz:

Vinde a mim todos que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve. (BÍBLIA SAGRADA, 1999).

A cura interior poderá implicar em um arrependimento pessoal, à medida que ressentimentos e ciúmes ocultos forem desmascarados. Há necessidade de se trabalhar o perdão, a reconciliação, aceitação das perdas e sofrimentos. Várias técnicas são empregadas entre elas a imaginação pela fé e o aconselhamento bíblico do ponto de vista espiritual. A Bíblia em Hebreus 4:12 aponta:

Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração. (BÍBLIA SAGRADA, 1999)

Segundo Lewin citado por Nichols e Schwartz (2007, p.151), a mudança no comportamento grupal requer "descongelamento". Só depois que algo sacode as crenças de um grupo é que seus membros estarão preparados para aceitar a mudança. Conseqüentemente, é necessário um esforço maior para descongelar ou sacudir a família antes que uma mudança real possa ocorrer. A necessidade de descongelamento mostrou a preocupação dos primeiros terapeutas familiares de romper a homeostase da família, uma noção que dominou a terapia familiar por muitas décadas.

De acordo Zimmerman, para a teoria geral dos sistemas a cura pode ocorrer da seguinte forma "onde houver uma radicalização e estereotipia na distribuição de papéis de um sistema (familiar), deve haver flexibilização, intercâmbio e mudanças". (ZIMERMAN, 2000, p.189).

Segundo Walsh (2005, p.115), para indivíduos e famílias superarem crises, é importante acreditar que podem recorrer um ao outro, assim também apóia as Escrituras Sagradas. "Confessai, pois os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes curados" (Tg 5:16).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação em despertar a consciência humana para o sofrimento como algo comum a toda a humanidade e achar meios para abrandá-lo, é um dos objetivos desse estudo principalmente para o meio eclesial. Tem por finalidade realizar estudos relacionados à promoção, prevenção e ao tratamento da saúde do indivíduo e da família visando à melhoria da qualidade de vida.

A relevância deste trabalho está em mostrar para conselheiros um estudo sobre a prática da resiliência em aconselhamento, que ainda é escasso em publicações. Também tem a aspiração de aproximações multidisciplinares entre prática em psicologia e teologia prática, e subsidiar práticas e discussões interdisciplinares entre conselheiros pastorais e psicológicos.

O teórico mais referenciado neste trabalho pela sua obra, HURDING, R. F. **A Árvore da Cura**. Modelos de Aconselhamento e de Psicoterapia. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. influenciou fortemente a linha de pensamento desta pesquisa e então foi analisado e usado como base para a argumentação das idéias do trabalho. Logo na sua introdução Hurding diz “a árvore do cuidado pastoral” (Hurding, 1995, p. 29), e objetiva estudar o papel do aconselhamento e da psicoterapia nos dias de hoje, trazendo informações sobre as psicologias seculares, origem e desenvolvimento, levando em consideração que essa preocupação a respeito do cuidado de uns para com os outros já faz parte da vida dos cristãos. Para a análise dessa prática que o autor descreve com “amor em ação”, o livro passa a denominá-la como a “árvore do cuidado pastoral”, fundamentada em Deus, crescendo pela obediência a Cristo e alimentada pelo Espírito. Enfatiza que a tentativa de ajuda está diretamente ligada às seguintes necessidades: cura, amparo, orientação e reconciliação.

Baseadas na razão como determinante no conhecimento humano e das questões a serem resolvidas a seu respeito - até mesmo no que diz respeito à fé e moral - o autor analisa ainda novas “árvores” que surgiram, agora no solo do iluminismo, que tendem a contrariar os princípios da “árvore do cuidado pastoral”: o Behaviorismo, psicanálise, pessoalismo e o transpessoalismo. O autor traz um questionamento sobre como deveria ser a reação cristianismo diante do surgimento dessas “ameaças”: deve absorvê-las, se fechar ou tentar conviver compreendendo seus ramos de visão?



Existe portanto, diversas realidades existentes e suas importância estão não só no aspecto secular - levando em consideração a psicologia em si – mas na influência e na oportunidade de um crescimento e visão no que tange ao aconselhamento. As diversidades de linhas de pensamentos bem como as crenças espalhadas e obtidas nelas servem são motivos de muita avaliação e comparação para uma postura diante de cada uma bem como para absorver idéias ou iniciativas que possam ser aproveitadas no exercício do aconselhamento pastoral.

A psicoterapia com enfoque existencial pode ser eficaz na ajuda ao paciente que procura resolver aspectos relacionados ao significado e ao propósito da vida. A integração das experiências espirituais é uma das finalidades para uma ampla compreensão da psique humana. Espiritualidade pode ser definida como aquilo que traz significado e propósito à vida das pessoas. Essa definição é utilizada como base em cursos médicos sobre espiritualidade e saúde. A espiritualidade é reconhecida como um fator que contribui para a saúde e a qualidade de vida de muitas pessoas. Esse conceito é encontrado em todas as culturas e sociedades.

Novos avanços devem decorrer do aprofundamento dessas investigações clínico-científicas e da aplicação da espiritualidade na prática médica. O bem-estar espiritual significa em que medida ocorre à abertura da pessoa para a dimensão espiritual que permite a integração da espiritualidade com as outras dimensões da vida, maximizando seu potencial de crescimento e auto-atualização.

É nas situações de crise que a pessoa mais reflete e se questiona sobre o significado da vida, que sente mais necessidade de compreender e de ser compreendida, de ter esperança.

É necessário considerar o homem como um ser holístico para se entender a espiritualidade como um aspecto importante no processo terapêutico e fundamental para o bem-estar. O profissional de saúde pode ajudar a pessoa que sofre, ouvindo, estando atento às suas emoções e aos seus sentimentos. Muitas vezes, isso é mais importante que qualquer terapêutica.

Esta prática reflete a humanização dos serviços de saúde, de que hoje tanto se fala, mas que pouco se valoriza na prática diária. É fundamental uma preparação acadêmica que se reforce o respeito pela dignidade da pessoa, pela especificidade da sua crença.

As crenças transcendentais são importantes para que a família desenvolva recursos positivos para lidar com as crises e mudanças que ocorram durante o ciclo de vida familiar. O pastor é um encaminhador, ele é ponte para diversos tipos de tratamento, desenvolvimentos, capacidades, das famílias.

Ainda sobre o referencial teórico, a obra de Hurding nos leva a uma profunda reflexão dos diferentes papéis desempenhados pelo psicoterapeuta e pelo conselheiro e de como em certos momentos as duas práticas se entrelaçam e compartilham o mesmo espaço e em outros momentos ocorre um distanciamento em cada uma das competências, entretanto elas sempre se encontram em algum ponto no processo de auxílio.

O trabalho também tentou fazer uma avaliação da relevância entre o diálogo interdisciplinar de clérigos e psicólogos defendendo que a integração oferece um equilíbrio e uma vantagem no trabalho de ambos, e propondo um encaminhamento de pessoas em casos específicos a profissionais psicólogos devido a formação e preparação destes. Ou mesmo incentivar a formação de teólogos na área de psicologia. Entendendo que pastores formados podem ser pontes para estabelecer este diálogo e mostrar também para os psicólogos o quão importante e enriquecedor é a visão teológica sobre a vida humana e os problemas que permeiam o ser humano por sua condição frágil de existência sobre a face da terra.

O estudo tenta respeitar a visão de ambas as áreas sabendo que mesmo no processo do diálogo entre estas duas disciplinas, deve-se estar consciente que elas são divergentes. Psicologia tem uma estrutura científica hierárquica, com base em resultados de pesquisas detalhadas, sobre os quais as teorias são construídas e envolve uma variedade de abordagens diferentes, incluindo biológica, social, clínica entre outras. A teologia cristã também é rica em suas variações. Existem por exemplo diversas posições teológicas com respeito a um único assunto, podemos citar discussões como natureza da alma humana, o livre arbítrio doutrina da predestinação.

Enfim, o estudo sobre resiliência e aconselhamento nas relações familiares se fez como uma modalidade de ensaio devido a vastidão do assunto, sendo qualitativo, exploratório e multidisciplinar entre as práticas de psicologia e a teologia prática.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, Jay. **Conselheiro Capaz**. 7ª ed. São Paulo: Editora Fiel. 1993
- ANGERAMI – CAMON, Valdemar Augusto. **Novos rumos na psicologia da saúde**. São Paulo: Pioneira, 2002.
- BOFF, Leonardo. **Cristianismo: “O mínimo do mínimo”**. Belo Horizonte-MG: Editora Vozes. 2011.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Referência Thompson**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Contemporânea, rev. e corr. Compilado e redigido por Frank Charles Thompson. São Paulo: Vida, 1999.
- BLAZER, Dan. **Freud versus Deus**. Como a Psiquiatria perdeu a alma e o cristianismo perdeu a cabeça. São Paulo/Viçosa: Press/Ultimato, 2002.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **Ciência ou Religião: Quem vai conduzir a história?** São Leopoldo: Editora Sinodal, 2006
- BUBER, M. **Eu e Tu**. 9.ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As Mudanças do Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- CLINEBELL, Howard. **Aconselhamento Pastoral**. 4ª ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987.
- CORDIOLLI, Aristides Volpato. **Psicoterapias: Abordagens atuais**. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- CRABB JR, Lawrence J. **Aconselhamento Bíblico Efetivo**. Brasília-DF: Refúgio Editora LTDA, 1985.
- FERREIRA, A.B.H. **Novo Aurélio século XXI: dicionário de língua portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FRANCO, F. **Compreender Kierkegaard**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 18.ed. São Paulo: Sinodal, 2003.
- FRANKL, V. E. **Psicoterapia e Sentido da Vida**. Fundamentos da Logoterapia e da Análise Existencial. 4.ed. São Paulo: Quadrante, 2003.
- FRANKL, V. E. **Psicoterapia para todos**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- FREUD, Sigmund. **Moisés e o Monoteísmo**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1939.
- FREUD, Sigmund. **Totem e o tabu**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1950.

Freud, S. **O futuro de uma ilusão**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud Rio de Janeiro: Imago. 1927

Gary R. Collins. **Ajudando aos outros através do Aconselhamento**. Ed. Vida Nova SP.

GOMES, Wadislau Martins. **Aconselhamento Redentivo**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

HALL, C.; LINDZEY, G.; CAMPBELL, J. **Teorias da Personalidade**. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HURDING, R. F. **A Árvore da Cura**. Modelos de Aconselhamento e de Psicoterapia. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

HURDING, Roger. **The Bible and Counselling**, London: Hodder and Stoughton, 1992.

IMBER-BLACK, E. et al. **Os Segredos na Família e na Terapia familiar**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

JAGNOW, Dieter Joel. **O diálogo Pastoral – Princípios de comunicação no aconselhamento pastoral**, Porto Alegre, RS: Concórdia Editora Ltda, 2003.

JUNG, Carl G. **A Natureza da Psique**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1983.

JUNG, Carl G. **Psicologia e Religião**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1978.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Editora Teológica Ed. Loyola, 1997.

MACARTHUR JR, **Jonh F. Introdução ao Aconselhamento Bíblico**. São Paulo: Editora Hagnos, 2004

MARÍN, J. R. **Psicología Social de la salud**. Madrid: Síntesis, 1995.

MCGOLDRICK, M. **Novas Abordagens da Terapia Familiar – Raça, Cultura e Gênero na Prática Clínica**. São Paulo: Roca, 2003.

MINUCHIN, S.; NICHOLS, M. P. **A Cura da Família: histórias de esperança e renovação contadas pela terapia familiar**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MORATO, Henriette Tognetti Penha. **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa: Novos Desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

MIRANDA, CLARA Feldman de Miranda. **Construindo a Relação de Ajuda**. Belo Horizonte: Editora Crescer, 1995

NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R. C. **Terapia Familiar** – Conceitos e Métodos. 7.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PAIVA, Geraldo José de. **A Representação na Religião: Perspectivas Psicológicas**. São Paulo Ed. Loyola, 2004

ROCCA, L., Susana M. **Sufrimento, resiliência e fé**. Implicações para as relações de cuidado. São Leopoldo: Sinodal, 2007

SELIGMAN, Martin E.P. **Felicidade Autêntica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

SMITH, E. D. **Addressing the psycho spiritual distress of death as reality**. A transpersonal approach. **Social Work**, 1995.

Super.abril.com.br/blogs/superlistas/as-8-maiores-religoes-do-mundo/Acesso em fevereiro 2012.

SZENTMÁRTONI, Mihály. **Introdução a Teologia Pastoral**. São Paulo: Loyola, 2004.

WALSH, F. e MCGOLDRICK, M. **Morte na Família: sobrevivendo às perdas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

WALSH, F. **Fortalecendo a resiliência familiar**. São Paulo: Roca. 2005.

WALSH, F. **Spiritual Resources in Therapy**. 2.ed. New York: Guilford Press, 2009.

YALOM, Irvin D. **Os desafios da terapia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

## 6. ANEXO

### ANEXO A

#### Resolução da CE/SC quanto ao documento 78 – Consulta do Sínodo Centro América, quanto ao movimento de “Cura Interior”

CE-2005- Doc. 20 - Quanto ao Documento 78 - Consulta do Sínodo Centro América, quanto ao Movimento de “Cura Interior” – REVER – Restaurando Vidas, Equipando Restauradores. Orienta a Igreja Presbiteriana do Brasil seus pastores e concílios com a seguinte pastoral, que deverá ser divulgada na sua íntegra pelo Jornal Brasil Presbiteriano. I. Definição e abrangência do conceito: Apesar do termo ser utilizado genericamente como a ação divina nos problemas internos de uma pessoa, "Cura Interior" é um tema mais específico e muito em voga nas nossas igrejas. Ele tem sido desenvolvido e apresentado em vários livros, palestras e seminários relacionado com a resolução de conflitos internos de personalidade, que resultam em depressão, desânimo, sentimentos de inferioridade, ansiedade e outras sensações adversas que afetam o comportamento das pessoas. O termo, em si, não é restrito ao campo evangélico. Na realidade os evangélicos "tomaram emprestada" essa noção de "cura interior" da psiquiatria e psicologia secular. Como consequência, "tomaram emprestado", também, muita terminologia e metodologia que não é derivada estritamente da Palavra de Deus. De uma certa forma, "cura interior" popularizou-se como uma TÉCNICA DE ACONSELHAMENTO. Essas são **algumas de suas pressuposições básicas**: 1) A maioria dos problemas das pessoas têm raízes no passado, em experiências dolorosas, mal-resolvidas. 2) Parte essencial do processo de "cura interior" é o perdão às pessoas que causaram os ressentimentos ou problemas na vida do aconselhado. 3) As pessoas devem lembrar essas experiências e verbalizar o perdão, em forma de carta, ou de um pronunciamento ao grupo ou ao conselheiro. 4) "Visualizações", ou seja projetar o que Jesus faria ou diria, nessa ou naquela situação, ou como você estava em uma determinada ocasião ou circunstância, são passos normalmente utilizados no processo. A maioria dos palestrantes e proponentes da "Cura Interior" apresentam-na como sendo parte integrante do trabalho de Cristo, ou seja, ele veio para dar Cura Espiritual (Salvação); Cura Física (libertação de dores e doenças) e Cura Interior (Paz interna). Todos esses aspectos representariam quebra do domínio que Satanás exerceria sobre nós. **II. Pontos positivos a destacar.** Mesmo sendo uma abordagem surgida em meios carismáticos, não podemos deixar de reconhecer que a ênfase no PERDÃO, como uma forma de solução de problemas internos que afligem as pessoas, é uma diretriz bíblica muito saudável. As Escrituras nos ensinam: “a não criar nenhuma ‘raiz de amargura’ e como ela, brotando, contamina” (Ef 4:31 e Hb 12:15); “a perdoar-nos uns aos outros como Cristo nos perdoou” (Ef 4:32 e Cl 3:13); “e a não ficar remoendo o passado e as experiências ruins que porventura tenhamos sofrido” (Fl 3:13-14). Quando a ênfase é colocada na oração, ou até na procura de pessoas a quem ofendemos, ou por quem fomos ofendidas (Mt 5:23,24; Mt 18:15,16; Lc. 17:3, 4), isso nos leva a uma sintonia maior com os preceitos de Deus e com a forma de relacionamento que ele quer de cada um de nós. O resultado é uma vida com mais paz e com "cura interior" de problemas - nesse sentido. **III. Pontos de Cautela, ou a condenar.** Nem sempre os proponentes da "cura interior" defendem ou apresentam os pontos a seguir. Às vezes até, muitos utilizam o termo sem se

aperceber das implicações, mas de uma forma genérica. Podemos destacar como pontos de cautela, ou condenáveis, os seguintes: (1). Transferência de responsabilidades. Muitas vezes a ênfase da "cura interior" leva as pessoas a procurarem a origem de seus males e problemas sempre nos outros. Com essa abordagem a "cura interior" reflete o célebre "cacoete" da psiquiatria freudiana – a busca desenfreada da responsabilidade alheia para justificar comportamento inadequado ou até pecaminoso. Muitos crentes são levados a procurar sempre desculpas pelas escolhas erradas, ou sem critério, que fazem. Questões meramente circunstanciais, ou que deveriam ser olhadas sob a ótica da providência divina, como a perda de um emprego, um acidente de carro, etc., são relacionadas, sem qualquer base ou critério, a experiências passadas. **Enfatizamos o perigo constante da psicologização da teologia e a teologização da psicologia, tão encontradas nestas técnicas de "cura interior".** (2). Regressão. Muitos conselheiros ou palestrantes cristãos advogam a técnica da regressão, na qual você, em sessão grupal ou individual, é levado a relembrar suas experiências na adolescência, infância, no útero, chegando - às vezes – à pré-existência (?!). Essa técnica é estimada por psicólogos da corrente do "treinamento sensitivo" e defendido por muitos porta-vozes da "nova era". Muitas vezes a própria experiência do nascimento é colocada como sendo algo traumático, que tem que ser revivido e confrontado, para que os problemas presentes desapareçam. (3). **Ênfase na experiência, em vez de nos preceitos da Palavra Revelada – A Bíblia.** Muitas respostas "de algibeira" são fornecidas e conclusões pessoais colocadas com um dogmatismo que pertence somente às Escrituras. Nas "regressões" muitas vezes são utilizadas profecias, revelações. Nas "visualizações" procura-se antever o que Cristo estaria fazendo ou dizendo nas situações do passado do aconselhado. Via de regra essas "visualizações" produzem diálogos com Cristo que passam a ser determinantes no processo de "cura interior". **Tudo isso leva a um esquecimento ou afastamento da Palavra de Deus, como fonte não apenas primária de conhecimento espiritual, mas única também (Sola Scriptura).** Não é de espantar que o grande progresso da "cura interior" é nas igrejas e comunidades carismáticas. (4) Liberação de perdão a Deus. Muitas das dores e lutas são resultados da ação de Deus e aqueles que sentem rancores, os que sentem "raiva contra Deus" por seus infortúnios, devem "liberar o seu perdão a Deus". (5). Demonização. Muitos conselheiros rejeitam (corretamente) a idéia de que o crente possa ser possuído pelo demônio, outros, entretanto, colocam essa possibilidade - que não é bíblica, pois o Espírito Santo não co-habita com o demônio – (Rom 8.9). Ocorre que muitos desses que rejeitam a noção de possessão demoníaca do crente, acharam uma maneira de envolver o demônio em todos os problemas: eles chamam de "opressão demoníaca". O Diabo e os seus se apegam aos "ganchos" na vida passada dos crentes para oprimi-los. Faz parte da "cura interior" descobrir esses ganchos (um pecado cometido pelo aconselhado, ou contra ele, um acidente ocorrido, etc.). Uma vez identificado em que gancho o demônio está pendurado, ele deve ser removido, pelo perdão e o demônio repreendido pela "palavra do conhecimento". Quando você identifica um grande "gancho" e expulsa o demônio maior, os menores e periféricos, se afastam também. Podemos ver como essa visão providencia, igualmente, desculpas para que os pecados pessoais sejam resultado dessas influências externas. Estas tendências seguem o entendimento daquilo que é hoje conhecido como "batalha espiritual", pelo que recomendamos a leitura do livro do Rev. Dr. Augustus Nicodemus

Lopes, publicado pela Casa Editora Presbiteriana, que trata de forma bíblica e conveniente sobre o tema. Possivelmente a pregação de uma visão correta e bíblica, da necessidade de perdão e de uma atitude otimista e alegre com relação à vida, olhando-se para frente, com a esperança que deve caracterizar o cristão, é uma melhor opção do que apegar-se ao rótulo da "cura interior", uma vez que os pontos de cautela e o envolvimento com os carismáticos levam mais perigo do que benefícios ao termo e às técnicas empregadas. Existe um livro em Português chamado "Introdução à Cura Interior", de autoria de David Kornfield, publicado pela SEPAL -- possivelmente sem a maioria dos excessos apresentados acima. Recentemente o livro recebeu o novo título de "Introdução à Restauração da Alma", com a indicação de que muitas pessoas tinham objeção ao termo "Cura Interior". Existem vários livros de David A. Seamands, traduzidos para o português, que falam de cura interior. Esses livros do Seamands são também destituídos de muitos desses excessos, mas a interpretação dos textos bíblicos e sua conseqüente aplicação é muito alegórica, ou seja, não flui normalmente do contexto. Concluindo e resumindo com algumas perguntas e respostas específicas: 1. A idéia de "cura interior" é bíblica? Os conceitos de perdão e dos resultados negativos pela falta de perdão são bíblicos. Deve-se discernir o que está sendo pregado como "cura interior". Se a metodologia, mensagem ou processo vem acompanhado de todos os aspectos negativos já mencionados, não é um conceito bíblico. 2. Há motivo para adotá-la ou não adotá-la? Dependendo da definição e o que se pretende com a adoção. 3. Cristo alguma vez promoveu a cura interior de alguém ou instruiu-nos a fazê-lo? Cristo promoveu a grande e final CURA INTERIOR, que é o resgate de nossos pecados e a dádiva da salvação eterna. O conceito moderno de "cura interior" quase que deixa antever uma certa sensação de que o trabalho de Cristo necessita ser terminado, o que não seria bíblico. Cristo nunca se envolveu em prolongadas sessões de aconselhamento, mas temos de reconhecer que o seu ministério era outro, era o de cumprir os passos relacionados com o calvário da redenção, transmitindo a sua mensagem de julgamento, salvação e vitória sobre a morte. Por outro lado, sua palavra nos instrui a termos um relacionamento intenso com o nosso próximo, no sentido de considerarmos os outros maiores e melhores do que nós mesmos, de levarmos as cargas uns dos outros, de termos preocupação pelos sentimentos e pelas vidas dos outros, de estarmos sempre praticando o perdão e de não alimentarmos remorsos ou ressentimentos. Se entendemos esse modo de vida como a prática da "cura interior", então somos admoestados a tal, porém sem esse rótulo. Tememos, entretanto, que o termo nunca seja utilizado com uma conotação tão simples assim. Conclusões e Sugestões finais: A. Dada a grande importância do trabalho de aconselhamento pastoral, que somente a Igreja de Jesus Cristo pode fazer e que não pode ser entregue aos místicos e nem aos adeptos da visão freudiana, apresentamos aqui, à guisa de sugestão, a seguinte bibliografia básica, que pode ser utilizada por todos aqueles que receberam de Deus o chamado para a obra do aconselhamento, entendendo também que a Igreja tem sua função terapêutica, a saber: 1. Conselheiro Capaz – Jay Adams – Editora Fiel; 2. Aconselhamento Bíblico Redentivo – Rev. Wadislau Martins Gomes – Casa Editora Presbiteriana; 3. Ídolos do Coração e Feira das Vaidades – David Powlison – Editora Refúgio; 4. Coletânea de Aconselhamento Bíblico – volumes 1 a 3 – Tradução e adaptação do Journal of Biblical Counseling – SBPV; 5. Princípios Básicos do Aconselhamento Bíblico – Larry Crabb – Editora Refúgio; 6. Aconselhamento Bíblico Efetivo – Larry



Crabb – Editora Refúgio; 7. Mudando de Dentro Para Fora – Larry Crabb – Editora SEPAL. B. Reconhecendo que, o que falta em muitas de nossas igrejas é a conscientização de que a salvação é VERDADEIRAMENTE um MILAGRE DE TRANSFORMAÇÃO DA PARTE DE DEUS e não um mero convencimento intelectual experimentado pelas pessoas, se construirmos nossas vidas na conscientização de que fomos alvo desse milagre, fruto do amor de um Deus soberano e procurarmos demonstrar o nosso amor pelo cumprimento dos seus mandamentos, para com ELE e para com o próximo, usufruiremos as bênçãos de termos vidas ajustadas que olham para um presente de ação e um futuro glorioso, em vez de remoermos indevidamente os problemas do passado. Esta perspectiva é nada mais, nada menos, do que o nosso entendimento da santificação, nosso chamado para vivermos uma vida equilibrada e sermos, como igreja, uma comunidade que aconselha-se mutuamente, edifica-se e se move para a estabilidade espiritual. “Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel. Encorajando-nos também uns aos outros para nos estimularmos ao amor e à prática das boas obras Não deixemos de congregarmos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações (aconselhamento) e tanto mais quanto vedes que o dia se aproxima.” - Hebreus 10.23-25<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> [www.executivaipb.com.br/Digesto/valida\\_digesto\\_incompleto.asp](http://www.executivaipb.com.br/Digesto/valida_digesto_incompleto.asp)